

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL
E MEIO AMBIENTE

*O ESTUDO DO MEIO COMO CONCEPÇÃO E FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO EM
ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE CATANDUVA - SP*

ROBERTA GANDOLFI FRANZINI BERGAMASCO

ARARAQUARA – SP

2009

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA

MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

E MEIO AMBIENTE

***O ESTUDO DO MEIO COMO CONCEPÇÃO E FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO EM
ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE CATANDUVA - SP***

ROBERTA GANDOLFI FRANZINI BERGAMASCO

*Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em
Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente do
Centro Universitário de Araraquara – UNIARA*

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Rios

ARARAQUARA – SP

2009

SUMÁRIO

Lista de Figuras

Lista de Tabelas

Lista de Abreviaturas

Resumo

Abstract

1. INTRODUÇÃO 13

2. HIPÓTESE E OBJETIVOS 17

2.1 Objetivo Geral 17

2.2 Objetivo Específico..... 17

3. DESENVOLVIMENTO: Uma concepção crítica e renovadora de
educação..... 19

3.1 A Educação 19

3.1.2 Aspectos Gerais da Educação 21

3.1.3 Conceito de Educação..... 23

3.1.4 Caráter Social da Educação 24

3.1.5 A Educação Renovadora..... 27

3.1.6 A Pedagogia de Projetos 29

3.1.7 Apresentação dos Parâmetros Curriculares Nacionais	32
3.2 Estudo do Meio	33
3.2.1 Concepções de Estudo do Meio	33
3.2.2 Condução de um Estudo do Meio	41
3.2.3 Atividades para Realizar um Estudo do Meio	43
4. METODOLOGIA	46
4.1 O contexto da pesquisa	
4.1.1 O município de Catanduva	
4.1.2 A Educação em Catanduva	
4.1.3 As escolas investigadas	
4.1.4 A pesquisa de campo	
5. RESULTADOS	60
5.1 Professores.....	60
5.2 Coordenadores, diretores e supervisores.....	66
5.3 Relato da experiência de realização do estudo do meio.....	71
6. DISCUSSÃO	75
6.1 Análise do que dizem os professores sobre o estudo do meio.....	75
6.2 Análise das visões expressas pelos especialistas em educação sobre o estudo do meio.....	84
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
8. REFERÊNCIAS	94

ANEXO..... 99

Anexo 1. Questionário a ser aplicado aos alunos após a realização do estudo do meio 100

APÊNDICES

Apêndice 1. Questionário aplicado na Secretaria de Educação e Diretoria de Ensino 101

Apêndice 2. Questionário aplicado aos Professores envolvidos na pesquisa 102

Apêndice 3. Questionário aplicado nas coordenações, direções e supervisões escolares 105

Lista de Figuras

- Figura 1. Localização da cidade de Catanduva no Brasil e no estado de São Paulo 47
- Figura 2. Foto CAIC – EMEF “Professora Graciema Ramos da Silva” 50
- Figura 3. Foto do Colégio Jesus Adolescente – Anglo 51
- Figura 4. Foto EMEF “Professor Santos Aguiar” 53
- Figura 5. Foto EE “Paulo de Lima Corrêa” 54
- Figura 6. Resposta para a pergunta “Você sabe o que é estudo do meio?” presente no questionário respondido pelos professores 61
- Figura 7. Resposta para a pergunta “Você prepara um projeto para a execução da saída?” presente no questionário respondido pelos professores 62

Lista de Tabelas

Tabela 1. Pessoas responsáveis pelo planejamento das atividades de estudo do meio nas escolas participantes do estudo na visão dos professores 63

Tabela 2. Perfis dos profissionais participantes da pesquisa 68

Tabela 3. Descrição do processo de realização do Estudo do Meio pelos professores 69

Tabela 4. Temas e conceitos sob a forma de estudar o Meio mencionado pelos professores 69

Tabela 5. Descrição das “saídas” de Estudo do Meio pelos especialistas entrevistados 70

Lista de Abreviaturas

SAEB- Sistema de Avaliação do Ensino Básico

SARESP- Sistema de Avaliação Regional do Estado de São Paulo

ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio

PPP- Projeto Político Pedagógico

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

EJA- Educação de Jovens e Adultos

EMEF- Escola Municipal de Ensino Fundamental

EMEI- Escola Municipal de Ensino Infantil

CAIC- Centro de Atendimento Integral à Criança

E.E.- Escola Estadual

MEC- Ministério da Educação e Cultura

SME- Secretaria Municipal de Educação

FICHA CATALOGRÁFICA

BERGAMASCO, Roberta Gandolfi Franzini.

O estudo do meio como concepção e ferramenta de educação em escolas do Município de Catanduva-SP. Roberta Franzini. Araraquara-SP, 2009.

Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Centro Universitário de Araraquara. UNIARA.

Área de Concentração: Dinâmica Regional e Alternativas de Sustentabilidade.

Orientador: Rios, Leonardo

1. ensino fundamental 2. Estudo do meio 3. Divisões de professores 4. Especialistas de ensino

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a educação no Brasil vem sendo alvo de pesquisas acadêmicas, avaliações institucionais (SARESP, SAEB e o ENEM) e esses trabalhos estão revelando que o ensino brasileiro continuamente está estruturado em forma de ensino fragmentado. Essa fragmentação de ensino é visto claramente em sala de aula e no cotidiano da escola e decorre, substancialmente, por falta de um projeto que permita realmente o trabalho coletivo dos professores dentro da unidade escolar. Essa falta de integração entre as disciplinas ocorre, geralmente, em razão das elevadas cargas horárias de trabalho dos professores, o que acaba dificultando a sua própria formação. Nesses anos, algumas propostas educacionais surgiram com a finalidade de guiar ou auxiliar esse trabalho do professor no seu dia a dia. Dentre essas propostas foi implantado em 1996, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que priorizam o trabalho em equipe e têm como objetivo auxiliar os profissionais da educação para que o trabalho escolar seja diferenciado e consiga, com isso, despertar o interesse dos alunos para que, realmente, sejam ativos e conscientes. Mas, apesar de todas essas iniciativas, o ensino continua extremamente fragmentado.

Partindo desse princípio de humanização da educação, é necessária uma reflexão sobre: Qual é o conceito de educação? A quem esta compete? Como se dá o seu

processo? Qual é a função da escola na formação dos educandos? Como estão agindo os educadores?

Iniciando esta discussão, nota-se que a educação já foi caracterizada enfatizando-se em certos momentos o seu aspecto socializador e, em outros, a capacidade potencializadora dos aspectos inatos de cada indivíduo. Ambos os processos são contínuos e acontecem em várias instituições sociais como, por exemplo, a escola, a família, a igreja, os grupos de amigos e os meios de comunicação. Alguns pedagogos como: Freire (2000), Saviani (2000) e Vieira (1994) entre outros, classificam a educação em: formal e informal. Em ambos, o aspecto socializador da educação está presente.

Segundo Freire (2000), a educação formal apresenta conteúdos específicos de modo racional como: metodologia, periodicidade e regulamentos; enquanto que a educação informal envolve todos os processos educativos que ocorrem numa sociedade, sem necessidade que haja uma metodologia, conteúdos próprios e periodicidade. Adicionalmente, Saviani (2000) cita que a educação formal é o momento em que a educação vincula-se à Pedagogia (Teoria da Educação), isto é, quando a educação busca processos e técnicas para ensinar.

Nesse contexto educacional formal, torna-se importante o papel do professor dentro do processo de ensino e aprendizagem. Vale ressaltar que cabe a ele guiar o processo de construção de conhecimento do aluno, fazendo-lhe participar de tarefas e atividades que lhe permitam construir significados cada vez mais próximos aos que os conteúdos do currículo escolar possuem. O professor é, pois, um mediador. Levando-se em conta que o eixo norteador da educação formal é a cidadania, cabe aos professores incluir conteúdos das áreas específicas, que possibilitem a compreensão crítica da realidade. E, através do aprimoramento desses conteúdos, darem condições ao educando de poder usá-los

para refletir sobre sua própria vida e posicionar-se em relação às questões sociais (PILETTI, 1991).

Para auxiliar os professores na busca da conscientização de seus alunos foram eleitos pelo Ministério da Educação e do Desporto, a partir de 1998, alguns temas presentes na vida cotidiana do educando e que pudessem interagir com todas as áreas curriculares. Esses são chamados de “temas transversais”, que compreendem assuntos relacionados à ética, à saúde, à orientação sexual, à pluralidade cultural, ao meio ambiente e ao trabalho e consumo. Considerando que um dos objetivos da escola é desenvolver uma proposta de educação que ajude a exteriorizar a capacidade individual dos alunos de intervir na realidade social, os temas transversais representam questões importantes, já que estão presentes no cotidiano social e ambiental dos educandos e educadores (BOSCOLO, 2007).

Para ser alcançada a interdisciplinaridade através dos temas transversais, os PCNs demonstram que a utilização da metodologia de estudo do meio pode ser uma importante ferramenta ou metodologia na tentativa de atingir os objetivos de ensino/aprendizagem. Vale destacar que essa metodologia vem sendo utilizada com nomenclaturas diferentes durante a prática educacional como “trabalhos extraclases”, “atividades práticas”, “trabalhos de campo”, “excursões”, entre outros (PONTUSCHKA apud BOSCOLO, 2007).

Dentro desse contexto, o sucesso deste tipo de abordagem educacional está vinculado principalmente à figura do professor, isso porque a ele compete definir as diretrizes dos temas e/ou projetos propostos, visando à interação entre o aluno e o assunto tratado. Dessa forma, caso o professor não realize um planejamento adequado, aumenta a probabilidade dos alunos não compreenderem a prática em relação ao problema exposto e, com isso, tornar a atividade ineficiente para promover aprendizados que levem a uma transformação educacional e social.

Entretanto, apesar dos PCNs terem sido disponibilizados em 1996-1997, com a responsabilidade de suprir as carências dos profissionais da educação, a vivência nas instituições de ensino sugere que esta importante metodologia, o estudo do meio, está sendo aplicada de forma ineficaz. Sendo assim, torna-se relevante sabermos onde está a lacuna no processo de ensino que impede a adequada realização do estudo do meio. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho será verificar se as instituições de ensino privado e público do município de Catanduva-SP estão planejando e aplicando adequadamente o estudo nas diversas esferas do ensino.

2 HIPÓTESE E OBJETIVOS

2.1 Hipótese

O estudo do meio não está sendo bem empregado na educação por falta de conhecimento da técnica e falta de planejamento adequado.

2.2 Objetivo Geral

Verificar as dificuldades enfrentadas por quatro instituições do ensino fundamental, uma privada e três públicas, do município de Catanduva-SP para preparar e executar adequadamente as atividades de estudo do meio, como estas atividades são planejadas e aplicadas nessas instituições de ensino e qual a participação dos diretores, coordenadores e professores no processo.

2.3 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos do presente projeto foram:

- Verificar se as instituições de ensino realizam atividades de estudo do meio;

- Verificar se as Unidades de Ensino e os órgãos educacionais proporcionam ferramental teórico e prático para os profissionais da educação utilizarem a metodologia (estudo do meio) de maneira interdisciplinar;
- Verificar o conhecimento teórico dos professores e coordenadores sobre os objetivos da prática educacional estudo do meio;
- Verificar o conhecimento dos professores e coordenadores sobre a metodologia da prática educacional estudo do meio;
- Analisar os projetos pedagógicos das unidades de ensino verificando se contemplam o estudo do meio como ferramenta de ensino.
- Levantar e analisar os projetos de estudo do meio elaborados pelos professores.
- Analisar algumas saídas extraclasse (estudo do meio) para verificar se as técnicas aplicadas são adequadas ao processo e as dificuldades enfrentadas.

3 DESENVOLVIMENTO: uma concepção crítica e renovadora de educação

3.1 Educação formal e informal

Quando nos referimos ao fenômeno “educação”, sempre se torna necessário definirmos qual tipo de educação será apontada como foco. Nesse sentido, o que se está colocando em questão são as diferentes possibilidades em que o processo educacional pode acontecer. Por exemplo, será que a educação necessariamente precisa de uma instituição definida para acontecer? Apesar de, a princípio, parecer um pouco tenebroso, até os dias atuais, ainda existem lugares onde não há escolas, e esse fato não significa, necessariamente, que o processo educacional não esteja ocorrendo. A educação existe mesmo onde não há escolas, como por exemplo, nas sociedades chamadas primitivas, que não apresentavam escolas nem métodos de educação reconhecidos pedagogicamente. (PILETTI, 1991).

Segundo Brandão (1985), em toda situação que existam formas sociais de condução e de controle da situação, a educação também está acontecendo. Portanto, pode-se perceber que entre os povos primitivos, a educação possuía uma estrutura muito simples e que costumeiramente é denominada de informal. Por outro lado, ao contrário da educação informal existe a educação formal que segundo Garcia (1979) é o momento em que o processo educacional vincula-se à pedagogia, isto é, quando a educação busca processos e

técnicas para ensinar. De acordo com Ferreira (1993), a educação formal apresenta conteúdos específicos de modo intencional, com metodologia e periodicidade.

Outro aspecto que diferencia a educação formal da informal é a presença participativa da figura do professor no dia-a-dia da educação formal. Dessa forma, para que a educação formal atinja seus objetivos é importante que a participação do professor seja bem definida, para a adequada execução das suas atividades. O homem não é um ser passivo, por isso ele busca sua valorização e a educação é um instrumento para essa aquisição. A natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Conseqüentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens (SAVIANI, 2000).

Nesse sentido, é importante que o professor apresente uma atividade docente democrática, revelando a liberdade como forma de relação com seus alunos, promovendo a segurança em si mesmo (FREIRE, 2002). Apesar de demonstrarem diferenças na forma de acontecer e também no seu aparecimento, ambos os processos educacionais — formal e informal— também apresentam características em comum. É nesse momento que se pode perceber o foco principal da educação que é a visão de fornecer e criar os valores intelectuais nos seres humanos. Não se confunde, porém, educação com escolarização, pois a escola não é o único lugar onde a educação acontece (SAVIANI, 2000).

3.1.2 Aspectos Gerais da Educação

A Educação segundo Piletti (1991) pode ser considerada uma parte da experiência da própria pessoa, sempre aparecendo quando há relações entre pessoas, intenção de ensinar e aprender. A educação acontece, por exemplo, quando uma mãe corrige seu filho, em relação às normas sociais e as questões morais. Este é um exemplo bem visível da ocorrência da educação informal. Além disso, a educação que se associa à pedagogia e, portanto, faz surgir o aluno, o professor e a escola, também é um modelo de educação.

Antes mesmo de estudar aspectos didáticos é muito importante definir o que quer a educação formal e qual sua área de abrangência. Em relação à construção da sociedade atual, a reprodução das classes e a reprodução da cultura da sociedade são segundo Vieira (1994), uma das funções vitais do chamado “sistema de ensino”, contribuindo para as relações de dominação na sociedade de hoje.

Segundo Brandão (1985), Vieira (1994), Freire (2000) não há uma forma única, nem único modelo de educação. Em cada sociedade, país ou região a educação existe de diferentes maneiras. Educação e escola? Este é outro tema vinculado aos aspectos gerais da educação. De acordo com Saviani (2000), em face da realidade concreta da educação brasileira, os objetivos prioritários para a educação formal ou escolar são: a educação para a subsistência; educação para a libertação; educação para a comunicação e a educação para a transformação.

A educação para a subsistência pressupõe um ensinamento ao homem brasileiro para que ele aprenda a tirar de situações adversas os meios para sobreviver. A educação para a libertação utiliza os elementos da situação, isto é, é preciso saber escolher e ampliar as possibilidades de ação. Na educação para a comunicação é preciso que se adquiram os instrumentos aptos para a comunicação intersubjetiva. A educação para a transformação só

será atingida com uma mudança sensível do panorama nacional atual, quer geral, quer educacional. Daí a razão para a denominação de educação para a transformação (PILETTI, 1991).

Esses objetivos devem ser estruturados para o seu desenvolvimento durante todos os períodos escolares. Nesse sentido, apesar do ensino ser estruturado disciplinarmente, a existência do enfoque globalizador dentro da estrutura escolar, aproximando a instituição de ensino das preocupações e questionamentos dos alunos, pode facilitar o processo de ensino aprendizagem (BOSCOLO, 2007).

Dentro do enfoque globalizador do ensino, seja qual for a disciplina trabalhada, existe o aparecimento de situações próximas da realidade do aluno. Os métodos globalizados tentam superar a estrutura parcializada do ensino em disciplinas, apresentando uma organização dos conteúdos de caráter global (PILETTI, 1991). Demonstrando a relevância da inserção deste caráter global na individualidade disciplinar do processo educativo, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, afirmam que apesar das disciplinas possuírem seus conceitos próprios, elas só fazem sentido desde que articuladas entre si. O texto do PCNs afirma quando aborda os temas transversais:

“A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos do conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles – questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu” (Ministério da Educação e do Desporto, 1998, p. 30).

No entanto, a escola continua mantendo a mesma estrutura de dominação e compartimentalização, apesar dessa orientação legal.

3.1.3 Conceito de Educação

Muitas são as definições e os olhares para conceituar educação, mas sabe-se que a educação é um fenômeno próprio de seres humanos. Assim sendo, como nos diz Saviani (2000), a compreensão da natureza da educação passa pela compreensão da natureza humana, pois o que diferencia os homens dos demais seres vivos é o trabalho. Se o trabalho é uma ação intencional cria-se o mundo da cultura, da ciência, da ética e da arte, com a conseqüente produção de idéias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades e, portanto, cria-se a necessidade da educação formal.

Ainda abordando essa relação, Rios (2001) cita que educação é a transmissão de cultura. Não há sociedade sem cultura e nem cultura sem sociedade. Num primeiro momento ela nos diz que a cultura pode ser definida como o mundo transformado pelos homens. O homem é um ser no mundo. Este mundo, com o qual o homem entra em contato, apresenta-se numa dupla dimensão. A primeira é a natureza e a outra é a cultura. O senso comum identifica cultura como educação, acúmulo de conhecimentos, atividade intelectual. Mas cultura é, na verdade, tudo o que resulta da interferência dos homens no mundo que nos cerca e do qual fazemos parte. Assim não se pode falar em sujeitos cultos ou não cultos. Todos os homens são cultos, na medida em que participam, de algum modo, da criação cultural, estabelecem certas normas para sua ação e partilham valores e crenças.

Já Paulo Freire buscou definir educação por um olhar mais focado no seu objetivo. Para ele a educação é um meio/instrumento no sentido da transformação social, no qual o sujeito é o ponto central de sua pedagogia. O centro da pedagogia freiriana é o vínculo dialético entre subjetividade e objetividade. Não se pode pensar objetividade sem subjetividade. Não há uma sem a outra, que não podem ser dicotomizadas (FREIRE, 2002).

Aprofundando um pouco mais, Freire (2000) relata que a prática de ensinar algo a alguém exige a convicção de que a mudança é possível.

Evidencia-se com essas definições que educação escolar hoje é ação, é a formação de seres humanos em moldes similares na cidade, no campo, na escola, nos tempos e espaços humanos. Através do trabalho educativo formamos sujeitos sociais e culturais produzindo a sociedade e o conhecimento.

Segundo Piletti (1991), o conceito de pedagogia vem do grego e significa, na sua tradução literal, “conduzir crianças na ciência”. Também os pedagogos na Grécia antiga eram aqueles escravos que acompanhavam as crianças que iam para a escola, porém tinham que fazer valer sua autoridade quando necessária. Hoje, o pedagogo é o especialista em assuntos educacionais e Pedagogia, o conjunto de conhecimentos sistemáticos relativos ao fenômeno educativo. Este conceito se faz necessário, pois a partir de agora o trabalho parte para a abordagem da educação escolar propriamente dita, e traz como consequência a apresentação das novas metodologias educacionais e da pedagogia.

3.1.4 Caráter social da educação

Segundo Freire (2000), quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, pedagógica, estética e ética, em que “a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade”. Esse aspecto abrange os princípios fundamentais da educação, tais como as relações da educação com a vida, os valores, os ideais e as finalidades da educação. Entretanto, atualmente os debates educacionais abordam algumas questões que não são de fácil resposta. O que deve ser a educação? Para onde a educação deve conduzir as novas gerações?

Essas preocupações e esses questionamentos nos remetem à atividade dos professores que é uma ação que transcorre dentro de uma instituição e, desta forma, a sua prática está, em certa medida, condicionada a uma instituição que tem suas normas de funcionamento marcado por uma administração. O trabalho do professor apesar de ser bem livre, autônomo, nos remete à sociedade dos dias atuais, em muitos momentos se encontram-se engessado quanto à divisão social atual, com suas classes antagônicas (burgueses e a classe trabalhadora) que representam influência na prática dos educadores. Segundo Lefebvre (1969), a partir da industrialização o espaço e o tempo tendem a tornar-se mercadoria e os objetos perdem seu valor de uso e quase tudo se transforma em valor de troca. O capital tem influenciado demais a arte, a cultura, o conhecimento, a ideologia e a educação.

O homem quando se distancia de sua natureza filosófica torna o tempo uma mercadoria. Aí aparece o questionamento: qual é o papel da escola e da educação atual em relação aos valores humanos? O que representa a escola nesse contexto? E é o educador que enfrenta todas essas questões. Necessita-se da consciência, dos educadores naquilo que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, às diversidades individuais na comunidade escolar e à problemática social. Qualquer sociedade se organiza com base na produção da vida material de seus membros e das relações daí decorrentes. Essa reprodução econômica, política e social percebemos nitidamente dentro dos muros escolares.

Percebemos que esses ideais de consumo vêm se fixando cada vez mais à educação e são rapidamente transmitidas pelo tipo de Pedagogia trabalhada, permeando as propostas oficiais e muitas concepções dos próprios educadores. É necessário sempre considerar a prática que se desenvolve no sistema escolar como um todo, e procurar superar a dominação, para a qual vemos que a escola tem contribuído, a pretexto de construir uma sociedade aberta e democrática (RIOS, 2001). Existe sim a necessidade de uma análise crítica para estabelecer a função social da escola e automaticamente da educação formal.

Segundo Terezinha Rios, ainda existem posicionamentos diferentes que aparecem em relação à escola e à herança social. Se a escola é transmissora do saber sistematizado, acumulado historicamente, ela tem que dar conta da herança social para quem está dentro do processo educacional, mas na maioria das vezes não é isso que se nota. Na escola brasileira, por exemplo, percebe-se que grande parte da população está excluída do processo educativo, pois para a maioria dos frequentadores desta escola, não existe condições para a apropriação da educação formal (RIOS, 2001).

Segundo Japiassú (1997), analisando estas contraposições, pode-se perceber que a escola e a sociedade têm uma relação dialética, pois uma faz parte da outra. A escola mantém a sociedade e a transforma ao mesmo tempo. A educação produz a sociedade e se influencia pelo que ocorre na sociedade. A cultura, enquanto elemento de sustentação da sociedade e patrimônio de sujeitos que as constituem, precisa ser preservada e transmitida justamente porque não está incorporada ao patrimônio natural. As diversas instituições sociais têm como objetivo primordial a preservação e a transmissão da cultura. Em nossa sociedade, a escola é a instituição encarregada da transmissão de valores culturais, além de transmitir os conhecimentos nela produzidos. É a escola o espaço de transmissão sistemática do saber historicamente acumulado pela sociedade, com o objetivo de formar os indivíduos, preparando-os como agentes dessa sociedade.

Afirma Terezinha Rios que a escola não tem cumprido a finalidade de oferecer a educação que desejamos, socializando efetivamente o saber. Isso porque, assim como outras instituições sociais, ela tem estado a serviço da classe dominante, veiculando a ideologia dessa classe. Tem funcionado como um instrumento para a inculcação ideológica não apenas no que diz respeito aos conteúdos e técnicas, mas principalmente na postura reprodutivista dos educadores que nela desenvolvem sua prática (RIOS, op. cit.).

3.1.5 A educação renovadora

A pedagogia renovada ou educação renovadora é uma concepção que inclui várias correntes ligadas à Escola Nova ou Escola Ativa. Ela está centrada no aluno com seus interesses e necessidades, além de atribuir um olhar sobre os métodos e processos de ensino, e também na aprendizagem por descoberta e na liberdade de aprender (Brasil, Ministério da Educação e do Desporto, 1997). Apesar disso, mesmo a educação estando diante de uma nova concepção, ainda persistem no dia a dia do processo educacional, antigos questionamentos sobre o verdadeiro significado da qualidade e quantidade na educação. Nos dias atuais, muitos estudiosos e pesquisadores que se empenham em definir a Pedagogia renovada ou Educação renovadora afirmam que uma das melhores definições é a de Morin (2000).

De acordo com Morin (2000) o conhecimento do conhecimento seria a forma primeira de preparação para enfrentar os riscos permanentes do erro e de ilusão que não param de “parasitar a mente humana”. Afirma ainda que a partir do século XX entramos na fase da mundialização. Há algumas características centrais que mostram a sociedade do futuro:

- a) Mudanças no modo de produção – contratação de um número reduzido de pessoas para execução de trabalhos e abertura de vagas na área de especializações (isso graças à utilização da tecnologia).
- b) Mudança nas comunicações – elas alteram a estrutura de interesses e modificam os símbolos das coisas.
- c) Democracia política - a participação da população.

Nesse sentido, a educação assume uma importância inédita na história, fazendo com que os “artistas” presentes nesse sistema (educadores, cientistas, intelectuais e todos aqueles que se acham envolvidos na produção e na distribuição de conhecimentos) passem a desempenhar um papel muito importante do ponto de vista político-social. Portanto, do ponto de vista educacional, segundo Tedesco (1998), os conteúdos da educação teriam que seguir o “impressionante desenvolvimento das tecnologias da informação”, que criam a necessidade de evitar que se produza a separação definitiva entre conhecimento e pensamento. Para esse autor, a união entre conhecimento e mudança de postura na educação formal seria o ideal como educação do futuro.

Partindo desse princípio, um aspecto que apresenta grande relevância durante todo o processo educacional é construir a identidade individual e coletiva, e ao mesmo tempo, reconhecer o outro como um par similar, com os mesmos direitos e deveres. Essa construção supõe articulações distintas entre, escola, família, meios de comunicação e instituições, ou seja, articulações entre o básico e aquilo que muda no desenvolvimento da personalidade. O grande desafio da sociedade é, portanto, fazer com que a educação se articule entre racionalidade e subjetividade no plano de uma ação social, isto é, que se volte para atores sociais e não meramente de indivíduos isolados.

Esta é uma grande crise que a educação vive desde muito tempo. Vale lembrar que no passado o modelo tradicional tinha menor número de escolas e vagas, portanto, considerava-se intelectualizado aquele que possuía um nível mais elevado de educação formal. Hoje esse vínculo não existe diante da nova realidade educacional. Espera-se uma escola igual para todos, onde todos tenham acesso ao conhecimento. Atualmente, podemos considerar como novidade nessa discussão, pontos sobre o que se ensina (objeto de ensino) e quem tem acesso a essa aprendizagem. Nesse sentido, esse é o fator central da divisão da riqueza e do poder em relação às classes sociais. Aliás, quando abordamos a crise

na educação, não podemos apenas apontar erros das instituições de ensino, mas sim relacionar a crise da escola ao conjunto de crises sociais como mercado de trabalho, sistema administrativo, sistema político, família, entre outros. É importante lembrar que o processo social é que cria as instituições escolares e não as escolas que criam o processo social.

A Educação renovadora deve formar não só o aspecto intelectual do indivíduo, mas também a personalidade (os núcleos básicos da cognição e da formação de personalidade). Isso significa que se deseja uma escola total. Discutiremos a seguir a possibilidade de uma Pedagogia baseada em projetos que visam reconhecer algumas possibilidades de ações pedagógicas criativas, interessantes e motivadoras da aprendizagem.

Na década de cinquenta do século XX chega-se a uma nova proposta de educação, a “educação renovadora”, que em tempos atuais Morin (2000) redefine como o formato mais esperado em educação. É justamente por este formato ideal em educação que passamos a focalizar o trabalho com projetos.

3.1.6 O trabalho com projetos

A realidade da educação escolar vivenciada pela maioria das escolas, geralmente, não proporciona condições para que os alunos possam dotá-la de sentido. A proposta é de uma educação renovadora. Segundo Hernandez (1998) é fundamental que a escola converta-se em uma “comunidade de aprendizagem”. Atualmente as escolas continuam baseadas nos conteúdos fragmentados. A organização dos conhecimentos escolares no currículo das escolas já não satisfaz mais os estudantes. Segundo McClintock (APUD HERNANDEZ, 1998), a educação escolar necessita ser repensada, porque as representações, os valores sociais e os saberes disciplinares estão mudando, e a escola que hoje temos ainda responde, em boa medida, a problemas e necessidades do século XIX.

Ainda segundo Hernandez (op. Cit.), é necessário repensar a escola se existir intenção de oferecer possibilidades de construção da própria identidade dos alunos e professores como sujeitos históricos e como cidadãos. A diversidade de alunos que a educação pretende atender não pode ser estabelecida sem consistência, mas deve estar vinculada a uma análise da realidade, refletir o presente é impossível sem se valer do passado. O passado se projeta no presente, constrói o futuro no sentido de prevê-lo e de querer que seja um e não outro. Isto só é possível a partir de significados que as imagens do passado e do presente nos oferecem. A educação se nutre do passado, daí sua importância cultural, mas ela encontra seu sentido mais moderno como projeto, enquanto tem a capacidade de fazer aflorar uma sociedade melhor.

Na realidade, a escola precisa ser reinventada para que as pessoas excluídas e discriminadas possam ter oportunidades possíveis. Essa reinvenção, porém, não surge da prática habitual da escola, mas deve partir de um lugar ou de uma circunstância na qual um grupo de pessoas, professores e pesquisadores começam a repensar a educação e a função da escola. Nesse sentido, uma grande e difícil questão permanece no ar: como mudar a educação? Segundo Hernandez (1998), para haver mudanças realmente significativas na educação é necessário levar em consideração à visão transdisciplinar, a atitude globalizadora e “a educação para a compreensão”.

De acordo com Hernandez (1998), para haver mudanças importantes numa escola é vital que se verifique a prática globalizadora. Dentro de uma educação renovadora, e automaticamente aqui citamos o trabalho com projetos, é vital saber que os projetos apresentam uma das principais características nesse processo de ensino, que é o de desenvolver em cada aluno o espírito de investigação, da pesquisa e aprendizagem. Portanto, toda escola que adota o trabalho com projetos não apresenta somente um método sistemático de ensino, mas sim uma forma de trabalho educativo.

A partir da compreensão da concepção de trabalho com projetos há o entendimento do significado de poder ensinar através de trabalhos como uma concepção de educação e da escola, que não se apresentam somente como método ou uma pedagogia. Isto significa poder ensinar através de projetos de trabalho, mas, também abordar as áreas disciplinares do currículo em forma de projetos. Apresentar o ensino com base em questões controversas ou com base nos problemas da realidade e fora dela, faz com que os alunos se tornem protagonistas da aprendizagem. Educação através do trabalho com projetos se vincula à grandes desafios para a escola porque é uma via para dialogar e dar resposta a essa situação de mudança que não só transforma a maneira de pensar sobre nós mesmos, mas também de nos relacionarmos com o mundo que nos rodeia.

Machado (2004) nos afirma que é dessa forma, através de uma educação em forma de projetos, que se torna importantíssimo considerar o que aprender, como e para quê. Por outro lado, a intenção faz toda a diferença durante o processo e também prioriza o desenvolvimento das capacidades cognitivas e as de ordem pessoal e social. E não poderia deixar de citar o saber interpretar as opções ideológicas e de configuração do mundo. Além disso, existe a necessidade de estabelecer formas de avaliação específicas para esse tipo de intervenção. Segundo Ivani Fazenda (2002), a escola é geradora de cultura e não precisa utilizar como única maneira para isso, a aprendizagem através de conteúdos.

Foi abordado de forma bastante explicativa o quanto é interessante o trabalho com projetos e, a partir de agora, selecionamos na nossa pesquisa uma metodologia que se encaixa perfeitamente no trabalho com projetos e que é alvo dos nossos estudos e curiosidades: “o estudo do meio” - proposta em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais orientadores do trabalho pedagógico nas escolas brasileiras, como se pode constatar no item a seguir.

3.1.7 Apresentação dos parâmetros curriculares nacionais

O ensino, de forma geral, é realizado mediante aulas expositivas ou leitura de textos. Entretanto, é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, por meio de situações que problematizem as diferentes situações como a observação de paisagens, lugares, e outros. Cabe ao professor planejar essas situações de aprendizagem que dinamizem e instiguem os alunos a querer saber sobre os mais diversos assuntos. Quem define o ensino desta maneira são os Parâmetros Curriculares Nacionais ou PCNs (Brasil, 1998-a).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação em todo o país. Sua função é orientar e garantir a educação nacional. Eles foram elaborados em consonância com a Constituição Federal de 1988 e com a LDB 9394/96. Os PCNs nasceram de propostas curriculares de estados e municípios brasileiros, de contato com outros países e suas políticas educacionais, e de uma análise sobre os currículos oficiais feita pela Fundação Carlos Chagas, ainda analisando experiências de sala de aula e dados estatísticos sobre o desempenho de alunos do ensino fundamental. Compilando todas essas informações houve a discussão em âmbito nacional e com as sugestões colhidas aconteceu a elaboração dos PCNs.

Segundo Marconimi (2006), os parâmetros nasceram justamente para melhorar a qualidade do ensino fundamental que cresceu demasiadamente nas décadas de 1970 e 1980. A principal orientação que os PCNs tanto de Geografia quanto o de História nos trazem é a importância tanto da participação construtiva do aluno, quanto da intervenção do professor para a aprendizagem de conteúdos necessários ao pleno desenvolvimento do indivíduo. Destacamos ainda que essa importância dada aos conteúdos aconteça devido ao

compromisso da escola em garantir a todos os alunos o acesso ao conhecimento socialmente elaborado como meio para o exercício da cidadania. Segundo Rosangela Almeida e Elza Passini (1989), o desenvolvimento da capacidade plena dos educandos acontece através da construção de conhecimentos.

A escola deve construir seu projeto educativo com a participação e a responsabilidade de todos os membros da comunidade escolar. Fica claro que os PCNs foram construídos dentro de uma linha construtivista. É essa linha pedagógica que destacamos no nosso trabalho, pois a metodologia estudo do meio se destaca em plena época da Escola Nova (FELTRAN & FELTRAN FILHO, 2003) e, tal como os PCNs e a pedagogia construtivista, essa metodologia se preocupa com o papel da escola no planejamento de situações facilitadoras e propiciadoras da ação do aluno, a compreensão da aprendizagem como processo de aquisição segundo condições e ação pessoal e a unidade representada pelo trabalho escolar e condições gerais da vida dos alunos (FELTRAN & FELTRAN FILHO, 2003).

3.2 Estudo do Meio

3.2.1 Concepção de Estudo do meio

Na concepção de Pontuschka apud Boscolo (2007) o estudo do meio é um método ativo para estudar e trabalhar sobre uma realidade histórica, geográfica, artística ou literária, sendo utilizado como instrumento mediador para se conhecer e analisar a maneira pela qual os homens se apropriam e modificam os elementos da natureza. É também através desta ferramenta que visualizamos as mais variadas formas de organização da vida animal e vegetal. Seu principal objetivo é o de colocar o aluno em contato com a realidade que está

sendo estudada. É uma atividade que se realiza fora da escola, mas que envolve todo o planejamento escolar, antes e depois do trabalho feito em campo (PONTUSCHKA 2004 apud BOSCOLO 2007).

O estudo do meio é uma concepção de educação que preza um fazer pedagógico no qual aprender vem através do pesquisar. Estudar o meio torna o estudar um verdadeiro ato investigativo e curioso para os alunos, sempre sob a supervisão dos professores, que se integram e interagem mutuamente, realizando indistintamente a interdisciplinaridade.

Nesse sentido, em todos os momentos em que haja a vontade do professor em caracterizar uma viagem, um passeio ou qualquer forma de excursão como estudo do meio é necessário que considere uma metodologia específica de trabalho, proporcionando o contato direto com fontes de informação documental, encontradas em contextos cotidianos da vida social ou natural, que requerem tratamentos muito próximos ao que se denomina pesquisa científica (PILETTI, 1991).

A metodologia de ensino que atualmente é denominada de estudo do meio tem sido utilizada de maneira ampla, o que na verdade é resultado do trabalho de inúmeros educadores que, ao longo de várias décadas, dedicaram-se a construir práticas de ensino que possibilitassem uma melhor compreensão do mundo e a superação de desafios educacionais.

Segundo Carvalho apud Goettms (2006), fica claro, portanto, que um simples passeio realizado com alunos tem indubitavelmente o seu valor para o desenvolvimento da criança (afetivo, emocional, psíquico, entre outros), mas pouco contribui para desenvolver um novo olhar sobre a realidade. As escolas anarquistas, que introduziram a prática de realização de atividades educativas fora da sala de aula, foram pioneiras no Brasil no início de século XX. Segundo Pontuschka apud Goettms (2006), essas escolas pretendiam

se tornar um espaço de debate, independentes do Estado. Mas, como as escolas anarquistas enfrentavam o poder político-econômico da época, foram impedidas de continuar.

Já na década de 1960, aqui no Brasil, chega fortemente a pedagogia da Escola Nova que se caracterizava pela relação entre o trabalho escolar e as condições gerais de vida dos educandos. Partindo desse princípio Feltran e Feltran Filho apud Goettms(2006) define:

“Realizar estudo do meio é fazer pesquisa básica e aplicada nas várias formas necessárias, é utilizar instrumentos metodológicos diversos, registrar e interpretar a realidade propondo alternativas para as situações analisadas.”

“Estudar o meio, o meio ambiente , a realidade, a vida significa encontrar elementos para melhor compreender a interação do homem com o mundo, o que se faz a partir de determinado ponto de vista ou enfoque teórico.”(idem, 1991, p.125)

Pode-se perceber que as atividades de estudo do meio não se relacionam à simples obtenção de informações fora da sala de aula ou à simples constatação de conhecimentos já elaborados, encontrados em livros didáticos, enciclopédias ou jornais, que se pode verificar in loco na paisagem humana ou geográfica. Não se realiza um estudo do meio para verificar que as casas construídas no início do século seguem uma série de características relacionadas ao estilo neoclássico, da mesma forma que não se visita uma fábrica para simplesmente verificar, por exemplo, que existe uma divisão de trabalho entre os operários. Vale ressaltar ainda que as atividades de preparação para a realização de um estudo do meio devem ser diferenciadas e adequadas de acordo com a natureza do processo de aprendizagem educacional, já que as formas de estudo parcial e integral demandam algumas especificidades metodológicas (PILETTI, 1991).

É bom que tenhamos claro ao que implica um estudo parcial e integral do estudo do meio:

a) Estudo parcial: considerado o estudo de um problema ou de um aspecto do estudo meio. São considerados como uma finalidade em estudos independentes ou então integrada em uma unidade de trabalho, em relação com outros estudos mais amplos. É o estudo de uma população, de um bairro, de uma cidade, sob todos os seus aspectos, como: a geografia do local (relevo, clima), os tipos de vegetações e vida animal do lugar, quais são os principais tipos de trabalho e recursos econômicos, o nível de vida dos habitantes, as festas, costumes e outras manifestações culturais do local, como é o sistema de transporte e as formas de comunicação. Pode também realizar um estudo demográfico sobre a origem da população, sua evolução através do tempo, a população na atualidade.

Como exemplo, podemos investigar como nossa população se abastece de gêneros alimentícios, onde trabalham os habitantes do meu bairro, como são as casas de meu bairro etc. Ou então, o estudo de uma fábrica (localização, instalações, pessoal, condições de trabalho, remuneração, moradias, transportes que utiliza para chegar à fábrica, processo produtivo). Também podemos estudar um estabelecimento rural (extensão e tipo de terras, distância em relação aos centros habitados, acesso aos mesmos, meios para o transporte dos produtos e o sistema de transporte dos moradores, a casa: ambientes, materiais, orientação, dimensões, outras instalações, os trabalhos que se realizam: como, quem, com que ferramentas, os produtos que vendem, destino, os animais: quantidade, raça, etc.)

b) Estudo integral - Um estudo integral é um trabalho difícil, que exige a ação coordenada de várias equipes, durante bastante tempo. É uma tarefa que se presta

para ser assumida por toda a escola, ou pelo menos, por várias classes. Geralmente é composto por outros sub-projetos menores (estudos parciais) (PILETTI,1991).

Segundo Pontuschka (2001) adicionalmente, é interessante notar que a realização das atividades de estudo do meio não estabelecem conteúdos históricos em forma de enunciados ou já classificados a partir de conceituações. Ao contrário, pode-se considerar uma atividade didática que permite aos alunos estabelecer relações ativas e interpretativas, envolvendo pesquisas com documentos localizados em contextos vivos e dinâmicos da realidade. Nesse sentido, os alunos se deparam com o todo cultural favorecendo a comparação entre o presente e o passado, a parte e o todo, o particular e o geral, a diversidade e as generalizações, as contradições e o que se pode estabelecer de comum no diferente.

Não obstante, esta atividade cria a possibilidade dos alunos interiorizarem novas informações através dos seus próprios mecanismos de entendimento, adequando-os á sua realidade cultural. Ou seja, através da observação da arquitetura de algumas casas, estabelece-se os próprios enunciados para caracterizar o estilo de habitação da época. Dos ornamentos observados nas igrejas e nos detalhes das obras de arte, eles podem remodelar e conferir os conhecimentos que já dominam sobre o assunto, aceitando variações em vez de manifestações genéricas. Em outro momento, conversando com os moradores que vivem e preservam os patrimônios históricos, podem incorporar ao que já sabem um conjunto novo de representações que inclui soluções diversas (PONTUSCHKA apud BOSCOLO 2007).

Ainda segundo Pontuschka (2001), é no local, conhecendo pessoalmente casas, ruas, obras de arte, campos cultivados, aglomerações urbanas, conversando com os moradores das cidades ou do campo, que os alunos se sensibilizam, também, para as fontes de pesquisa histórica, para o como se dão as relações entre os homens na sociedade de hoje ou como são organizados os espaços urbanos ou rurais. O estudo do

meio é, então, um recurso pedagógico privilegiado, já que possibilita aos estudantes adquirirem, progressivamente, o olhar indagador sobre o mundo em que fazem parte.

De acordo com Pontuschka (2004), sob este ponto de vista, percebe-se que os trabalhos que envolvem visitas a uma exposição em um museu, visitar um fábrica, fazer uma pesquisa no bairro, conhecer cidades históricas torna prazeroso, gratificante e significativo tanto para os professores quanto para os alunos. Essas situações são geralmente acompanhadas de características lúdicas e representam oportunidades especiais para todos se colocarem diante de situações didáticas diferentes, que envolvam trabalhos especiais de acesso a outros tipos de informações e outros tratamentos metodológicos de pesquisa.

Segundo Romera e Silva (2003), o estudo do meio, como recurso didático, favorece uma participação ativa da criança na elaboração de conhecimentos, compreendido como uma atividade construtiva que depende, ao mesmo tempo, da interpretação, da seleção e das formas de estabelecer relações entre informações. Esse tipo de aprendizagem é fundamental para o estudante que está começando a ler o mundo, visando compreender de modo mais crítico a sua própria época e o espaço em seu entorno, tomando consciência que está inserido em uma época específica, por isso a importância do treinamento dos professores para o trabalho com projetos de estudo do meio.

Compreender as relações entre os homens significa compreendê-las não como universais e genéricas, mas como específicas de uma determinada época, envoltas em um contexto. No contato com a fonte de interpretação, através do estudo do meio, podem ser criadas oportunidades para os alunos confrontarem o que imaginavam ou sabiam, com o que a realidade apresenta com suas contradições dinâmicas. Nesse sentido, o que se observa provoca conflitos fundamentais, que instigam os alunos a compreenderem a diversidade de interpretações sobre uma mesma realidade e a organizarem as suas próprias conclusões como mais algumas possíveis.

Por outro lado, também favorece a explicitação de que o conhecimento é uma organização específica de informações, sustentado tanto na materialidade da vida concreta como a partir de teorias organizadas sobre ela. Favorece, ainda, a compreensão de que o conhecimento organizado faz parte de uma produção de um pesquisador ou de um grupo de pesquisadores, a partir de informações e de idéias de muitos outros estudiosos, e que é criado num tempo específico, a partir de perguntas escolhidas e formuladas ao longo de um processo. Favorece, também, a compreensão de que os documentos e as realidades não falam por si mesmos e que, para entendê-los é necessário fazer recortes temáticos, relacioná-los a outros documentos, a outras informações e a outras realidades.

É importante ressaltar que Guimarães (1999) consegue perceber a existência de um vasto conjunto de assuntos que podem ser trabalhados nesse processo educacional de estudo do meio. É necessária uma diversificação de temas para que o cidadão que se pretende formar consiga meios de se fazer existir. Dessa forma, a importância individual de cada disciplina desaparece em um estudo do meio. Embora as atividades a serem realizadas estejam ligadas principalmente à Geografia, as crianças também trabalham em muitos outros campos relacionados à história, língua portuguesa, ciências, educação artística e saúde.

Adicionalmente, segundo Romanella (2005), a metodologia do estudo do meio se torna uma grande aliada das pessoas participantes do sistema de ensino, já que pode ser utilizada em todas as séries do ensino fundamental, médio, universitário e técnico. Entretanto, de acordo com o estudo dos PCNs dos terceiro e quarto ciclos, para apresentação dos temas transversais é preciso considerar a idade dos educandos para promover uma efetiva aprendizagem. Se forem estudos integrais podem ser considerados como "projetos"; se forem

estudos parciais, geralmente se desenvolvem como atividades integradas às unidades de trabalho, em relação aos problemas que tal unidade procura esclarecer.

Essas atividades podem se tornar mais ricas à medida que não são utilizadas apenas como um modo de aproximar a teoria escolar da observação direta. O conhecimento está sempre embasado em teorias que orientam o olhar do observador. Para se estar aberto a um número maior de informações é importante ter acesso a diferentes dados e conhecer várias teorias para interpretar os fenômenos de modo cada vez mais complexo.

Essas saídas podem propiciar o desenvolvimento do olhar histórico sobre a realidade. Isso não significa apenas observar os dados visíveis. Com o auxílio dos habitantes locais e do professor, o aluno pode identificar as características da cultura, percebendo o que não é explícito. Olhar um espaço como um objeto investigativo é estar sensível ao fato de que ele sintetiza prováveis intervenções sociais, políticas, econômica, culturais, tecnológicas e naturais, de diferentes épocas, num diálogo entre os tempos, partindo do presente. Nesse sentido, até os espaços escolares e familiares podem ser escolhidos como objetos de estudo do meio.

Dentro desta grande e complexa ferramenta de ensino e aprendizagem, o professor deve ser responsável pela condução do estudo e dentre as suas muitas atribuições, cabe ao professor ajudar as crianças a ver e compreender a realidade, a expressar a realidade, e a expressar-se e também a descobrir e assumir a responsabilidade de ser elemento de mudança na realidade. O primeiro passo desses "ver e compreender" a realidade consiste em ajudar as crianças a descobrir a vida dos homens que as rodeiam e com os quais estão em contato. Deve ser assim, não apenas porque com as crianças é preciso partir do imediato, do que constitui sua experiência cotidiana, mas também porque significa iniciá-las na prática de um comportamento extremamente valioso: o de estar atento à realidade que nos rodeia e o de ponderar e dar opiniões partindo da análise de tal realidade.

A escola precisa ajudar a criança para que, em seu processo de crescimento consiga compreender a realidade que a cerca e nela se vá localizando de forma lúcida e criativa. Conhecer e analisar a maneira pela qual vivem os homens com os quais estamos em contato é o ponto principal para o desenvolvimento do processo que, na escola, se chama de "estudo do meio". Nesse contexto, podemos citar que o despertar nas crianças uma atitude de curiosidade, observação e crítica, associado ao aprendizado e a análise da realidade são alguns objetivos inerentes a essa prática pedagógica, além de iniciar as crianças nos estudos interdisciplinares (PILETTI, 1991).

3.2.2 Condução de um Estudo do Meio

Devido à notória complexidade que a realização adequada dessa prática educacional demanda, a metodologia de pesquisa e de organização de novos saberes requer atividades anteriores à visita para estabelecer o grupo de trabalho, bem como um conjunto de questões a serem investigadas, além de selecionar as informações mais relevantes para a adequada condução do trabalho. Segundo Guimarães (1999), durante as observações de campo é necessário estabelecer uma seqüência lógica de coleta de dados para facilitar a posterior análise. Em seguida, é importante realizar a organização dos dados coletados para poder estabelecer uma comparação entre os dados levantados e os conhecimentos já organizados por outros pesquisadores. Após esta etapa, através do conhecimento e das informações adquiridas no período pré-estudo de campo, cada aluno ou grupo de alunos devem interpretar racionalmente os dados, buscando respostas e justificativas para os resultados encontrados. Para finalizar, baseado em suas análises, os alunos devem chegar a uma conclusão e também levantar novos questionamentos sobre o tema proposto inicialmente.

É importante criar atividades anteriores à saída que envolva levantamento de hipóteses e de expectativas prévias. Sendo assim, o desenvolvimento de atividades de pesquisa destacando diferentes abordagens, interpretações e autores (reportagens, jornais, enciclopédias, livros especializados, filmes) sobre o local a ser visitado, torna-se necessário para o bom andamento do processo. Adicionalmente, quando possível, deve-se integrar várias disciplinas, permitindo investigações mais conjunturais dos locais a serem visitados que incluam, por exemplo, pesquisas geográficas, históricas, biológicas, ambientais, urbanísticas, literárias, hábitos e costumes, estilos artísticos, culinária, etc.;

Segundo Piletti (1991), além disso, estabelecer com as crianças a importância do trabalho e os passos que deverão seguir, as instituições que deverão visitar, os dados que terão que ser recolhidos, as pessoas que terão que ser entrevistadas, além de formar as equipes e repartir as tarefas estabelecendo os prazos necessários para que as equipes trabalhem dentro de um ritmo previsto para que o estudo consiga atingir seus objetivos iniciais são aspectos motivacionais importantes na condução do estudo. Adicionalmente, devem ser agendadas reuniões parciais de representantes das equipes, para controlar o desenrolar do trabalho visando a redação do texto final juntamente com a avaliação autocrítica e da experiência vivenciada.

Perrenoud (2000), afirma que depois de realizada a atividade é fundamental que o professor encontre propostas para os alunos organizarem as informações que obtiveram, sistematizando interpretações, teorias, dados, materiais e propostas para problemas detectados, atribuindo a esse trabalho uma função social, isto é, conhecimentos que possam ser socializados e compartilhados com outras pessoas (livro, jornal, exposição, mostra). Assim, os alunos encontram significados para tais atividades e passam a se enxergar como sujeitos participativos no processo.

Como em outras atividades significativas que são desenvolvidas na escola, o professor não pode esquecer-se de escrever suas reflexões sobre os procedimentos pedagógicos escolhidos, o processo de trabalho e as produções dos estudantes. Os relatórios sobre as saídas podem ser socializados com outros professores, aprofundando propostas educacionais e consolidando práticas bem-sucedidas (BRASIL, 1998-b).

3.2.3 Atividades importantes para realizar um estudo do meio

Segundo Piletti (1991), durante a realização das atividades inerentes ao estudo do meio é importante que algumas medidas, como a observação e o planejamento, sejam trabalhadas nos alunos para a obtenção de êxito na atividade.

1 - Observar

a) Guiadas pelo professor: saindo da classe sempre que seja necessário: ao atalho, ao bairro, à rua principal, etc.; ou então se afastando mais da escola para ver algo especial (um edifício, um estabelecimento fabril, o rio, entre outros).

b) Sem o professor como guia: observar realidades fora do horário escolar, aproveitando os passeios que a criança faz com seus pais, ou o bairro em que mora, fazer observações guiando-se por sinais ou pontos previamente marcados (os preços das mercadorias, o estado das ruas, os efeitos de algum temporal, etc).

2 – Realizar excursões

Para que uma excursão tenha êxito é preciso ser bem preparada e obedecer às fases:

a) Planejamento:

Inicialmente o professor deve realizar uma visita ao local pretendido para observar o que ver, como ver e os pontos de maior valor educativo, facilitando assim, o desenvolvimento dos alunos. Em seguida, tais pontos devem ser apresentados à diretoria da escola para receber a autorização e também iniciar o contato com os pais dos alunos. Depois de concedida a autorização da diretoria e dos pais dos alunos é importante planejar a logística da excursão definindo o dia, horário de saída e chegada, transporte e caso necessário a acomodação em hotéis. Para tornar a viagem prazerosa é relevante preparar os alunos sobre a forma de se comportarem no local, que tipo de vestimenta é mais adequado e também definir onde serão realizados os lanches.

b) Execução do planejamento em conversa com os alunos, o professor deve:

Para facilitar o rendimento e aumentar o aproveitamento dos alunos em relação aos conteúdos do estudo é necessário despertar-lhes o interesse pela excursão, exibindo algumas gravuras ou contando algo pitoresco sobre o local. Entretanto, deve-se deixar claro o objetivo (o que vão ver e para quê) não tornando a excursão apenas uma desculpa para passear. Dessa forma, cabe ao professor instruir os alunos sobre o que devem observar e anotar, os croquis a efetuar e também construir previamente algumas perguntas a serem feitas.

c) Avaliação e auto-avaliação ao final das atividades:

É importante que os professores reúnam os alunos ao final das atividades para discutir alguns pontos que consideraram positivos e negativos. Os professores também devem fazer referência sobre atitudes não adequadas e comportamentos impróprios

de alguns alunos, sem declinar nomes, explicando por que não deveriam ter agido daquela forma.

Além disso, os alunos necessitam discutir entre si e com o professor sobre o valor da excursão. Nesse sentido, identificar o que aprenderam, se foi útil, se preencheu os objetivos visados e se poderia ter sido melhor. São considerações que podem ajudar no desenvolvimento das próximas atividades. Para finalizar, um questionário sobre a própria conduta a ser preenchido pelos alunos, é sugerido por Piletti (1991) para verificar as atitudes comportamentais dos alunos (Anexo 1).

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa buscou compreender como a técnica estudo do meio vem sendo aplicada em escolas do município de Catanduva. A hipótese da pesquisa fundamentalmente é: o estudo do meio não está sendo bem empregado na educação por falta de conhecimento dos profissionais e falta de planejamento adequado.

Para trazer a resposta desta hipótese recorreremos a um método misto de pesquisa: o qualitativo e o quantitativo.

Tanto a análise quantitativa, quanto a análise qualitativa são ferramentas muito úteis para esta pesquisa, mas temos que destacar que uma não é melhor do que a outra, porque elas se completam. A diferença é que, segundo Sampieri (2006), o estudo quantitativo centra sua análise em métodos estatísticos, enquanto os qualitativos o fazem em análises de natureza etnológicas, e neste caso, as modalidades se misturam. A pesquisa qualitativa, ainda segundo Sampieri (2006), não é facilmente definida porque seu significado varia de acordo com o momento histórico. Afirma ainda esse autor que a pesquisa qualitativa enfoca métodos variados. Isto significa que a pesquisa qualitativa leva em consideração os aspectos naturais, a interpretação de fenômenos de acordo com os significados que as pessoas atribuem a eles. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa contribui para as comunidades

desenvolverem programas que auxiliem o entendimento da realidade, o afloramento de conflitos e a busca de soluções para os problemas (Sampieri, 2006).

4.1 O contexto da pesquisa

4.1.1 O município de Catanduva-SP

Neste universo de possibilidades de pesquisa, há muito a ser conhecido sobre a realidade do ensino em Catanduva. Considerando a problemática social e a demanda, nasceu a idéia de pesquisar a realidade da educação em quatro escolas do município de Catanduva e se os professores dessas instituições desenvolvem projetos interdisciplinares de ensino, a exemplo de estudo do meio.

““O município de Catanduva encontra-se localizado em latitude de 21°08’22” sul e sua longitude é de 48°58’22” oeste, estando a uma altitude de 503 metros. Sua população, segundo dados do IBGE do ano de 2007 era de 109.362 habitantes e é possuidora de uma área de 292,24km². O clima é predominantemente tropical e o rio principal é o São Domingos e pertence à microbacia do Turvo-Grande.

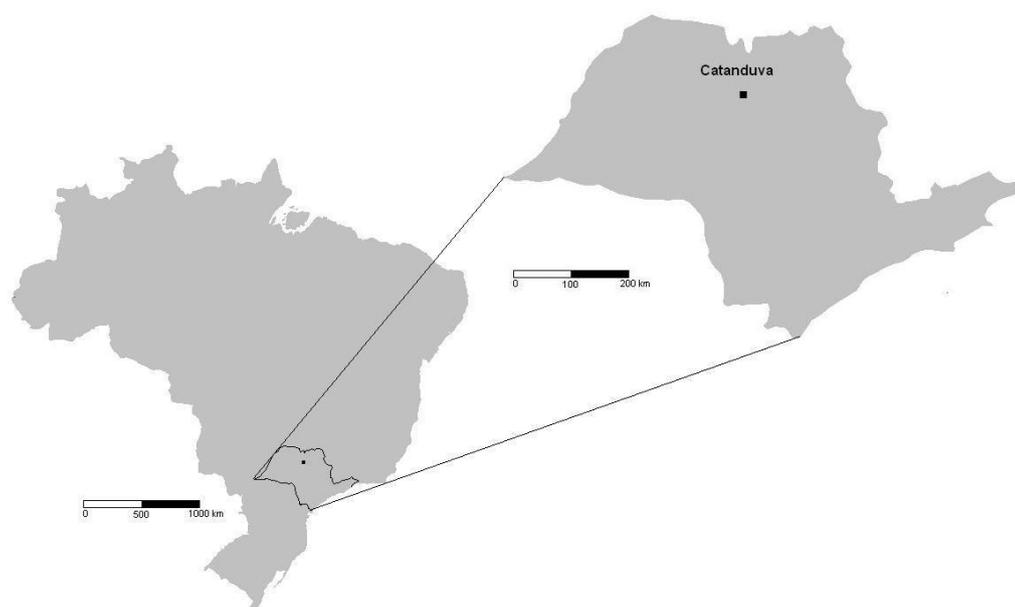


Figura 1 – Localização da cidade de Catanduva no Brasil e no estado de São Paulo

Esta cidade está situada na região noroeste do estado de São Paulo e na região administrativa de São José do Rio Preto-SP.

Catanduva possui ampla infra-estrutura urbana, com 80% de pavimentação, 93% de iluminação, 98% de cobertura de rede de esgoto e 100% de abastecimento da água e telefonia.

A cidade é um pólo micro regional, com comércio, setor de serviços e indústria, que tentam responder às demandas de consumo da região. A agricultura é um dos pilares da economia do município e faz parte da quarta maior região sucroalcooleira do estado, produzindo 22 milhões de toneladas de cana de açúcar, 35 milhões de sacos de 50 kg de açúcar e 903 milhões de litros de álcool. É considerada também a “capital nacional dos ventiladores”.

4.1.2 Educação em Catanduva

Segundo Quaglia (2003), os primeiros registros oficiais do ensino público em Catanduva assinalam o ano de 1.919 quando ocorreu a instalação do Primeiro Grupo Escolar. Houve omissão do Poder Público no atendimento escolar das famílias dos pioneiros, tanto que, para suprir a deficiência material de escola pública, foi fundado o Colégio Nossa Senhora do Calvário, no ano de 1932, por inspiração de Padre Albino.

Segundo dados do IBGE (2008) e da Secretaria Municipal de Educação de Catanduva, esse município conta atualmente com 10 escolas estaduais de ensino fundamental II e ensino médio, enquanto o sistema educacional municipal conta com 28 escolas entre unidades de ensino: infantil, fundamental I, fundamental II e EJA.

São várias as instituições particulares em todos os níveis de ensino no município. Também existe um número razoável de instituições superiores de ensino.

Ainda segundo o IBGE (2008), estavam matriculados neste município 14.217 alunos no ensino fundamental, sendo que, 3.428 educandos faziam parte da rede estadual de ensino, na rede municipal de ensino constavam 7.193 alunos matriculados, e, na rede particular de ensino estavam registrados 3.596 alunos. Foi alvo de análise neste trabalho, o número de professores de ensino fundamental que atuaram no ano de 2008 no sistema de ensino de Catanduva. Os números registraram 887 professores atuando no ensino fundamental nesse município.

A partir dos dados acima mostrados, ocorreu à escolha de quatro instituições de ensino neste município para que a pesquisa pudesse ser efetivada.

4.1.3 As escolas investigadas

As metodologias aplicadas foram: observação, coleta de dados por meio de entrevistas e aplicação de questionários (anexo). Nesse contexto mais amplo, o universo empírico escolhido foi: a escola municipal de ensino fundamental (EMEF) “Prof. Graciema Ramos da Silva”, o Colégio Jesus Adolescente, a escola estadual “Paulo de Lima Corrêa” e a escola de escola municipal de ensino fundamental (EMEF) “Prof. Santos Aguiar”. Trata-se de unidades escolares do Ensino Fundamental I, II e ensino médio da rede municipal, estadual e particular de ensino que atende a várias comunidades em bairros diferentes e com atores sociais diferenciados no município de Catanduva.

A E.M.E.F. Professora Graciema Ramos da Silva é uma das escolas pesquisadas e está localizada no Bairro Solo Sagrado I. Este bairro é recente, com uma população de baixa renda e em grande parte, de trabalhadores braçais, os quais muitas vezes chegam à cidade provenientes de outros estados e cidades em busca de trabalho na atividade canavieira e nas indústrias de ventiladores.

Este bairro situa-se na zona leste de Catanduva. Segundo Quagila (2003), a escola faz parte de um complexo chamado CAIC-Centro de Atendimento Integral à Criança. Neste complexo existe uma quadra coberta, um enorme refeitório e abrange, na verdade, três escolas: Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio (E.M.E.S.F.M.) “Claudiomar Couto” e Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental (E.M.E.I.F.) Professor Vírgilo de Arruda Mendes e mais a escola analisada. A unidade escolar onde foi desenvolvida a pesquisa foi fundada em 1994 e sempre pertenceu ao município.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (2008), a escola contempla desde o 1º ano do E.F.I. até o nono ano do fundamental II (figura 2). A clientela escolar é proveniente de famílias de níveis sócio-econômico e de baixa renda, com muitas crianças carentes de recursos materiais. Suas famílias, em sua maioria, não possuem formação universitária e os pais, normalmente, trabalham fora durante todo o dia.



Figura 2 - Foto CAIC – EMEF “Professora Graciema Ramos da Silva”

Em contrapartida, o colégio Jesus Adolescente que atende desde o ensino infantil até o pré-vestibular, está situado na zona sul do município e é um colégio tradicional e sempre foi conduzido pelos padres doutrinários (figura 3). O corpo discente é proveniente de famílias de níveis sócio-econômico elevado, com crianças que possuem amplo acesso aos recursos materiais e intelectuais. Suas famílias, em maioria, possuem formação acadêmica. São os médicos, dentistas, empresários, usineiros, entre outros. Mesmo assim os pais trabalham fora durante todo o dia. A escola foi construída recentemente em um antigo bairro nobre da cidade. Portanto ela possui toda a infra-estrutura necessária para os alunos.



Figura 3 - Foto do Colégio Jesus Adolescente – Anglo

A escola Professor Santos Aguiar foi municipalizada no ano de 2006. Portanto era uma escola estadual e se chamava escola estadual (E.E) “Professor Santos

Aguiar” e a partir da municipalização passou a ter a denominação de E.M.E.F. “Professor Santos Aguiar” (figura 4).

Esta unidade escolar atende alunos do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental. Também se localiza na zona sul da cidade e atende a uma clientela de classe média segundo dados do Projeto Político Pedagógico.

Os alunos são provenientes de famílias trabalhadoras, e mesmo assim, muitas crianças sofrem por carência de recurso material, mas os pais são atuantes, presentes e acompanham as atividades escolares dos filhos relato da coordenadora da escola em entrevista informal.

Há ainda, nesta escola, professores especialistas em áreas específicas como: deficiência auditiva. Assim, todos os casos do município que necessitam do apoio desses especialistas são encaminhados para esta unidade escolar. Segundo classificação do IBGE (2008), os pais desta unidade escolar se enquadram nas funções de, prestadores de serviços tais como: eletricitas, manicure, pedreiros, etc. Trabalhadores do comércio ou até mesmo do setor industrial do município. Ainda, segundo a coordenadora pedagógica da escola, esses pais esperam, além do ensino; um acompanhamento efetivo da evolução intelectual dos seus filhos.



Figura 4 - Foto EMEF “Professor Santos Aguiar”

A E.E. Paulo de Lima Corrêa situa-se bem no centro da cidade, sempre foi estadual e é bem tradicional no município. A grande modificação pela qual passou foi que antigamente atendia do primeiro ano do ensino fundamental até o ensino médio, e, posteriormente devido à municipalização dos anos iniciais, passou a funcionar do sexto ano até o nono ano do ensino fundamental e com o ensino médio (figura 5).

Por conta deste reenquadramento proposto pelo governo do estado a escola passou a contar com uma clientela bem variada e proveniente de vários bairros próximos ao centro da cidade. Mas, basicamente, são discentes filhos da classe trabalhadora da cidade. A escola é bem estruturada e se encontra num ponto privilegiado. Alguns desses pais possuem formação escolar básica ou até mesmo nível médio ou técnico. Relato da direção desta unidade escolar. Essa classificação educacional está prevista nos PCNs de História (Brasil, MEC/SEF,1998-c). É importante deixar registrado que, os pais, são

trabalhadores autônomos em maioria e muitos estão presentes no cotidiano escolar dos filhos, outros não (relato da diretora da escola, em entrevista informal). Mas, todos esperam que a escola, além do ensino, dê a formação cultural necessária para um bom emprego no futuro.



Figura 5 - Foto EE “Paulo de Lima Corrêa”

4.1.4 A pesquisa de campo

Para realização da pesquisa de campo primeiramente foram apresentados os questionários ao conselho de ética do Centro Universitário de Araraquara e, posteriormente, para a Secretária Municipal de Educação e para a Dirigente de Ensino da rede escolar estadual. Após o consentimento dessas instituições foram aplicados os questionários nas escolas alvo. Antes da aplicação dos questionários foi executado um pré-teste em uma escola que não foi investigada nesse estudo, com objetivo de verificar se as perguntas estavam claras e se as respostas dadas atingiriam os objetivos propostos.

Inicialmente para verificar se as escolas desenvolviam o estudo do meio foram realizadas visitas nas respectivas escolas, entrevistados os diretores e

coordenadores, consultados os projetos políticos pedagógicos e os planos de ensinos dos professores. Também foi entrevistada a responsável pelo transporte da secretaria municipal da educação. O trabalho com projetos destacados nos Projetos Políticos Pedagógicos e também os planos de ensino dos professores, confere a possibilidade de saídas extra-classe.

Como forma de verificar o funcionamento, entraves, dificuldades e os procedimentos necessários para realização do estudo do meio foi elaborado, em uma das instituições pública de ensino investigada, um projeto de estudo do meio em conjunto com a professora da disciplina de Ciências Biológicas. Foi programado um estudo do meio ao Parque do Basalto em Araraquara, para aprendizagem dos conteúdos de sustentabilidade em ciências e rochas e minerais na formação do relevo em Geografia. Na sala de professores em conversa informal, em plena hora de intervalo, surgiu o assunto interdisciplinaridade. A professora de Ciências Biológicas, afirmou que seria interessante uma saída com os alunos para que se pudesse pesquisar e automaticamente compreender o assunto sustentabilidade.

Esta pesquisadora que se encontrava no local e em sala de aula trabalhava as rochas e minerais na formação do relevo africano e sua grande exploração pelos antigos colonizadores europeus, resolveu comentar a possibilidade de integrar os conteúdos, pois os mesmos são extremamente relacionados e, portanto, poderíamos usar o estudo do meio como uma forma de integrar os assuntos e lançando os questionamentos para que eles em campo encontrassem as respostas, estaríamos dando uma aula interessante sem descumprir a apostila, e utilizando uma metodologia que os alunos se envolvessem bastante. Portanto através de uma visita os alunos conseguiriam compreender a realidade e a integração destes dois assuntos.

O local escolhido foi uma antiga pedreira de Basalto situada na cidade de Araraquara, que no passado serviu para a retirada de grande quantidade desse recurso mineral para ser utilizado como a matéria-prima de asfalto e paralelepípedos para instalação

em ruas daquela cidade. Hoje, dentro de um projeto de sustentabilidade, a antiga pedreira foi de certa maneira resgatada pela Instituição de Ensino Uniara, que aproveitou a área para o desenvolvimento sustentável da mesma, através da visita turística e apresentação de espécies animais, vegetais e o tão importante recurso mineral. O Parque do Basalto como atualmente é chamado é visitado por muitas pessoas ao longo do ano e nós aqui de Catanduva, fizemos o aproveitamento da área para o estudo de nossos alunos.

Para averiguação do conhecimento teórico dos dirigentes do ensino em Catanduva a primeira atitude foi entregar os questionários (apêndice I) pessoalmente para a Dirigente de Ensino, para a Secretária Municipal de Educação e para as supervisoras, tanto do município, quanto do estado e das escolas particulares. As dirigentes disseram que estudariam e responderiam as questões apresentadas e num prazo de três dias entregar-nos-iam os questionários com suas considerações. Foram deixados 15 questionários, respeitando cada seguimento.

Posteriormente foram visitadas as escolas pesquisadas e contatadas as direções e coordenações. Foi solicitado autorização para a pesquisa e após as permissões foram realizadas as entrevistas com os diretores, supervisores, coordenadores e professores. O procedimento em relação aos questionários foi o mesmo da etapa anterior. Eles foram entregues, lidos e respondidos e depois de alguns dias foram-nos devolvidos.

Para comprovar o conhecimento teórico de professores e coordenadores foram utilizados os questionários formulados particularmente para cada grupo. Vale lembrar que os questionários aplicados a esses professores foram anteriormente utilizados junto a uma outra unidade não pesquisada, para ver se eles correspondiam às expectativas programadas, ou seja, para verificar sua eficácia. As entrevistas apesar de não possuírem um roteiro específico, visavam buscar respostas para nossa hipótese e também atender aos nossos objetivos.

Uma professora de cada instituição de ensino se prontificou a conversar conosco, portanto a visão se tornou global. Nas instituições que possuem professores I foram estes o alvo da nossa curiosidade. Já na unidade de ensino que só trabalha com fundamental II e médio foi a professora de Língua Portuguesa que se habilitou a conversar conosco. As entrevistas sem roteiro específico aconteceram com os professores respectivamente nos dias 04, 05, 06 e 07 do mês de agosto sempre às 9 horas e 30 minutos num canto da sala dos professores.

Os coordenadores da escola municipal e da escola municipalizada prontamente se dispuseram a responder nossos questionamentos. Isso ocorreu no dia 05 de agosto de 2008 às 10 horas e 30 minutos na primeira escola; e às 14 horas e 30 minutos na escola municipalizada.

O contato com os coordenadores das escolas aconteceu nas salas de coordenação. Já os contatos com os demais professores das escolas pesquisadas foram feitos nas salas dos professores no horário de intervalo.

Na Escola Municipal Professora Graciema Ramos da Silva foram contatados os coordenadores pouco antes da reunião pedagógica. Nesta unidade escolar existem um coordenador de ensino fundamental I e um de ensino fundamental II. Foram deixados os questionários com os mesmos e solicitado que os professores respondessem durante a reunião. Os coordenadores acharam melhor eles mesmos (cada qual em sua reunião) explicar do que se tratava a pesquisa, e se comprometeram em passar para os docentes os questionários. Todos responderam e devolveram os questionários logo a seguir. A reunião pedagógica dos professores I ocorreu no dia 19 de maio de 2008 às 18 horas. Já a reunião dos PII ocorreu no dia 22 de maio do mesmo ano e, da mesma forma, teve o envolvimento de todos os profissionais que se encontravam na reunião.

No dia 26 de maio de 2008, às 17 horas e trinta minutos, foi contatada a coordenação da escola Professor Santos Aguiar, meia hora antes do início de sua reunião pedagógica para solicitar espaço na reunião para apresentar aos professores a pesquisa que estava sendo realizada naquela unidade escolar. A coordenação consentiu a participação da pesquisadora na reunião e foram explicados aos professores os objetivos da pesquisa, bem como aplicado o questionário. Foi solicitado que os questionários fossem deixados para serem respondidos posteriormente. Na semana seguinte os questionários respondidos foram recolhidos. Foram distribuídos quinze questionários. Esta escola possui um número pequeno de professores efetivos, pois acabou de ser municipalizada e aguarda concurso municipal para efetivação de docentes.

Na escola estadual Paulo de Lima Corrêa, a própria diretora se incumbiu de entregar os questionários aos professores, responsabilizando-se por passar os questionários também para as coordenadoras. Por motivo de greve na instituição de ensino, só foi possível obter o retorno 30 dias após a entrega dos questionários. Foram entregues na escola dez questionários. A coleta de dados desta pesquisa durou desde o final do mês de maio até o começo do mês de agosto do ano de 2008.

No Colégio Jesus Adolescente a supervisora solicitou que todos os questionários, tanto os de professores, quanto os de diretores e coordenadores ficassem sob sua responsabilidade que ela mesma iria distribuir para que fossem respondidos. Os questionários foram entregues à supervisora no dia vinte e um de maio de 2008 e recolhidos uma semana depois. Participaram da pesquisa professores do ensino fundamental I e professores de Língua Portuguesa, Ciências, História e Geografia do ensino fundamental II. No ensino médio participaram professores de Língua Portuguesa, Ciências Biológicas, História e Geografia. Foram deixados 11 questionários no total.

Para verificar se as saídas ocorreram como estudo do meio foi selecionada uma das escolas para acompanhar todo o processo. A professora de História ministrava aulas sobre a “evolução da humanidade” e a de Ciências sobre “evolução das espécies” em um sétimo ano do fundamental I, quando dentro do próprio planejamento, chegou a hora de executar a saída como forma de sistematizar os conceitos sobre Paleontologia. Nesta escola não foi possível acessar o PPP e também não conseguimos verificar o Plano de Ensino das professoras. Mas foi acompanhado o conteúdo em sala de aula até a saída. Verificou-se também que não houve a entrega de Projeto de Estudo do Meio.

5 RESULTADOS

Para facilitar o entendimento dos resultados do presente trabalho, dividiu-se esta sessão em duas partes. Inicialmente serão apresentados os resultados referentes aos questionários respondidos pelos professores. Em seguida haverá a apresentação dos resultados em relação aos questionários respondidos pelos coordenadores e diretores das escolas.

5.1 Professores

Foram respondidos trinta e nove de um total de sessenta e seis questionários distribuídos para os professores. Em porcentagem isso significa que 59% dos professores contatados participaram da pesquisa.

Com relação ao conhecimento sobre o que é estudo do meio, 23 professores sabiam o que era esta modalidade de estudo enquanto 16 professores responderam que não sabiam (Figura 6). Quando perguntados sobre sua participação em atividades de estudo do meio, 23 professores responderam que realizam essas atividades em seu colégio. Os outros 16 professores não participam do desenvolvimento das atividades inerentes ao estudo do meio. Vale ressaltar que só responderam os questionários professores efetivos das disciplinas de Língua Portuguesa, Ciências Biológicas, História e Geografia.

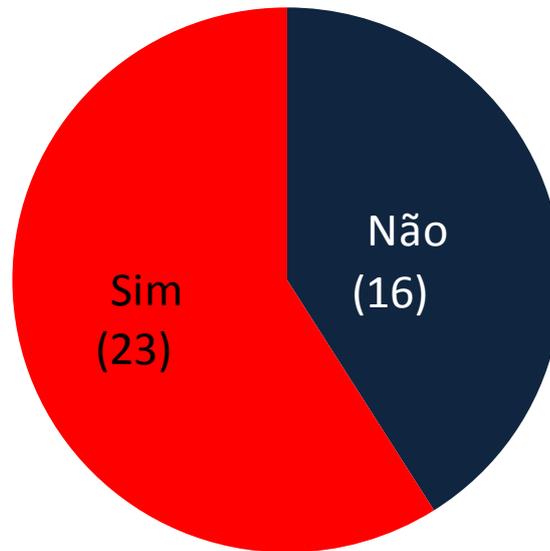


Figura 6. Respostas para a pergunta “Você sabe o que é estudo do meio?” presentes no questionário respondido pelos professores.

Já para a realização de atividades extraclasse, 30 professores responderam que a sua escola desenvolve esse tipo de atividade e apenas 9 responderam que as escolas não as realizam. Apesar disso, somente 24 professores responderam que essas atividades constam no projeto político pedagógico da escola. Os outros 15 professores mencionaram que é necessária uma programação à parte para a realização dessas atividades.

Com relação à pergunta se havia um projeto para a execução do estudo do meio, 31 professores responderam que a escola em que trabalham apresentam projeto para cada saída, 6 professores afirmaram que sua escola não desenvolve nenhum projeto de planejamento e outros 2 professores afirmaram que seguiam as orientações que já estavam descritas nas apostilas utilizadas pela escola (Figura 7).

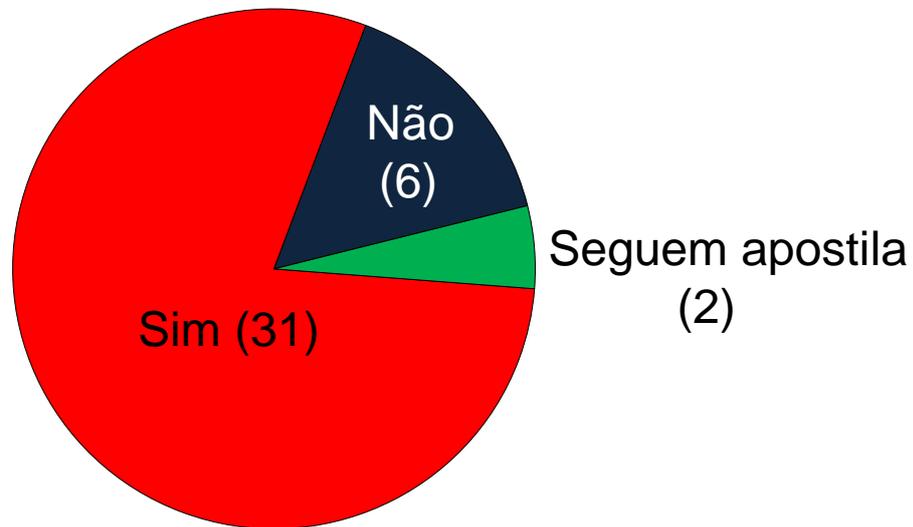


Figura 7. Respostas para a pergunta “Você prepara um projeto para a execução da saída?” presentes no questionário respondido pelos professores.

As pessoas responsáveis pelo planejamento do estudo do meio, segundo os professores, são: os professores (23 respostas), coordenadores (14 vezes mencionados nas respostas), diretores (07 respostas) e também a secretaria de educação (2 vezes presentes nas respostas). Vale ressaltar que em algumas escolas mais de um profissional participava deste planejamento (Tabela 1).

Tabela 1. Profissionais responsáveis pelo planejamento das atividades de estudo do meio nas escolas participantes do estudo na visão dos professores.

Profissionais	Número
Professor	23
Coordenador	14
Diretor	7
Secretaria da Educação	2
Total	46

Observação: O total não se refere ao número de respondentes (39), mas, ao número de vezes que os profissionais foram mencionados.

Sobre as escolas que realizam atividades de estudo do meio, 23 professores responderam que elas desenvolvem suas saídas no próprio bairro e também no município e 27 afirmaram que suas escolas realizam as atividades apenas no próprio bairro.

Entretanto, apenas 10 professores sugerem novas estratégias de estudo do meio, além das já tradicionais na escola. Entre as preferências desses professores, encontram-se as visitas a teatros e museus localizados na cidade de São Paulo.

Após a entrega dos questionários respondidos pelos professores I das escolas pesquisadas, percebemos que havia certa incoerência nas respostas relacionadas ao estudo do meio e isso possibilitou que realizássemos uma entrevista informal e conversássemos sobre o tema do trabalho. Nesse contexto informal aconteceram entrevistas com os professores e as falas foram as seguintes:

- Pesq: O que você compreende por estudo do meio?

Todos os 39 professores responderam que era o simples fato de sair de sala de aula.

- Pesq: Você sabe diferenciar metodologias de trabalho em educação?

Todos os 39 professores disseram que aula expositiva é diferente de uma discussão de texto, do trabalho com vídeos entre outros; mas não explicaram as diferenças existentes entre um tipo de trabalho e outro.

- Pesq: Por que você tem que entregar um projeto de estudo do meio quando organiza uma saída com seus alunos?

Duas professoras disseram que nem sempre é necessária a entrega do “projecinho” (assim elas se referiram aos projetos de estudo do meio), mas a funcionária responsável pelo transporte disse que alunos e professores nunca saem sem o encaminhamento do ofício por parte da Direção e que o ideal é que esse ofício venha o projeto anexado, mas que nem sempre isto ocorre.

- Pesq: Qual é o posicionamento dos alunos quando você explica que haverá uma aula utilizando a metodologia estudo do meio?

Os professores responderam que os alunos ficam todos animados, esperando pelo “passeio” ou “excursão”.

Poderíamos muito bem ter agrupado os professores de História e Geografia, pois são disciplinas afins, mas as respostas demonstraram uma grande diferença nas concepções, portanto achamos por bem separá-los. Aliás, vale lembrar, que atualmente

segundo a LDB, todas as disciplinas são interdisciplinares, mas como já nos referimos no primeiro capítulo (sobre educação) a realidade é que os professores têm trabalhado de forma bem fragmentada. A LDB 9394/96 indica uma forma de trabalhar e a grade curricular obriga a outra.

Quando foram indagados sobre a definição de estudo do meio os professores do ensino fundamental I responderam em sua maioria: é a análise da situação cotidiana, análise da situação do nosso meio, observação e análise de tudo ao nosso redor, é quando mostramos aos nossos alunos a íntima relação entre o meio e nosso cotidiano.

Dos professores da área de Ciências Biológicas quatro responderam que não sabem o que é estudo do meio, enquanto os outros afirmaram que: é o estudo baseado em buscar significado no aprendizado, é aquele no qual enfocamos o ambiente no qual o aluno está inserido, ou que é o “ estudo das relações dos seres vivos com o ambiente físico”.

Um dos professores de Língua Portuguesa afirmou que estudo do meio é a “realidade em que vivem os alunos”, que o estudo do meio “possibilita de forma prazerosa a construção do conhecimento”. Um segundo professor não respondeu, já um terceiro diz não saber definir. Um quarto professor afirmou tratar-se de uma aula extraclasse. E o último afirma que é o conhecimento que se tem das disponibilidades de recursos da escola e da comunidade escolar do aluno para desenvolvimento do aprendizado.

Os professores de Geografia afirmaram que o estudo do meio é como uma metodologia que envolve novos saberes, e requer toda uma forma de trabalhar. Afirmam ainda a existência de um objetivo que é o de demonstrar aos alunos a relação existente entre aquilo que se aprende na escola e o que ocorre dentro e fora dela.

Os professores de História, de maneira geral, descrevem o estudo do meio como sendo o “gosto por aquisição de conhecimento”. Na definição de um desses

professores vem o seguinte: “o planeta Terra poderá sobreviver se o homem se considerar parte da natureza e não superior a ela”.

5.2 Coordenadores, diretores e supervisores.

Em relação aos dirigentes em educação (supervisores, diretores, coordenadores e dirigentes máximos de órgão público) o total foi de 16 participantes ao todo, com a entrega de 24 questionários, ou seja, a porcentagem de participação das especialidades ficou em torno de 64%.

Participaram deste estudo 4 diretores, 4 coordenadores e 6 supervisores, mais a Secretária Municipal de Educação e a Dirigente de ensino. Em relação ao conhecimento sobre o estudo do meio, todos esses profissionais responderam que sabem o que representa esta atividade. Além disso, 10 deles já apresentaram alguma vez na sua carreira propostas de atividades de estudo do meio para serem realizadas na escola.

Quando perguntados se a realização das atividades de estudo do meio fazia parte do projeto político pedagógico (PPP) das escolas, 9 entre os 16 profissionais responderam positivamente.

De forma semelhante, as 3 escolas, justamente na parte de trabalho com projetos apresentavam a utilização do estudo do meio como alternativa de metodologia no PPP e realizam projetos com esta finalidade. Quem os elabora segundo os registros são os professores juntamente com os coordenadores.

Analisando os Projetos Políticos Pedagógicos de cada escola foi percebido que dentro do trabalho com projetos, os profissionais da educação registram suas intenções de trabalhar com “saídas de alunos”. Nem todos registram em seus planos

pedagógicos quando e como realizarão essas saídas. Há uma grande variedade na formulação desta proposta nos planos de ensino e nos PPP.

Quando solicitados os Projetos de Estudo do Meio das escolas para averiguação, observamos que somente uma das unidades conseguiu apresentar os projetos com objetivos, justificativa, etc. É muito mais comum nas escolas a apresentação de ofícios que determinam o dia, a hora da saída e para onde os alunos serão levados. Em uma das escolas pesquisadas, em que seria obrigatória a apresentação do projeto para que ocorresse a saída, nenhum projeto foi registrado.

Quanto à formação dos professores participantes da pesquisa os do Ensino Fundamental II possuem Licenciatura Plena de acordo com as exigências de ocupação do próprio cargo. Já em relação aos professores do Ensino Fundamental I alguns possuem Licenciatura Plena em Pedagogia, já outros possuem o curso normal ou magistério.

Também fica registrado que todos os coordenadores, diretores e supervisores possuem Licenciatura Plena em Pedagogia. É obrigatório para essa classe de trabalhadores ter essa formação, para ocupar esses cargos. Entre esses 16 especialistas que participaram da pesquisa, apenas dois não possuem uma Pós Graduação em Educação.. Todos os outros 14, além de Licenciatura Plena em Pedagogia, possuem ainda uma especialização.

- Especialização Lato Sensu em Psicopedagogia - 03
- Especialização Lato Sensu em Administração Escolar - 02
- Especialização Lato Sensu em Didática- 05
- Especialização em Supervisão Escolar - 04

Dos 16 especialistas dois ocupam o cargo máximo na função de educadores do município de Catanduva, como Secretária Municipal de Educação e Dirigente

de Ensino. Os outros exercem a função de supervisores (6) e os outros são coordenadores e diretores de escola (4).

O grupo de especialistas ficou assim composto:

- grupo de professores do ensino fundamental I (P1).
- grupo dos especialistas subdivididos em:
 - > cargo máximo (E1),
 - > supervisores (E2),
 - > diretores (E3) .
 - > coordenadores (E4).
 - > Professores de Ciências Biológicas (P2).
 - > Professores de Língua Portuguesa (leitura e interpretação) (P3)
 - > Professores de Geografia (P4)
 - > Professores de História (P5)

Na tabela 2 estão apresentados os perfis dos profissionais participantes da pesquisa:

Tabela 2. Perfis dos profissionais participantes da pesquisa.

<i>ASPECTOS</i>	<i>PROFESSORES</i>	<i>ESPECIALISTAS</i>
Formação	P1 – Pedagogia P2 – Ciências, História, Português e Geografia	Letras, História, Matemática e Licenciatura em Pedagogia
Tempo de Experiência	1 ano até 44 anos	2,5 anos até 20 anos
Conhece o Estudo do	Sim:25	Todos
Meio	Não:14	
Já utilizou o Estudo do	Sim :30	Todos
Meio	Não:9	

Tabela 3. Descrição do processo de realização do Estudo do Meio pelos professores.

<i>ASPECTOS</i>	<i>DESCRIÇÕES</i>
Desenvolvem Estudo do Meio	Sim: 33 Não: 6
Como e quem planeja	Equipe escolar, sugestão dos órgãos competentes e os próprios professores.
Como preparam os alunos	Com os conteúdos trabalhados na sala de aula e indicados pelas apostilas.
Como avaliam	Provas, relatórios e debates.

Tabela 4. Temas e conceitos sob a forma de estudar o Meio mencionado pelos professores.

<i>TEMA</i>	<i>Número de professores que trabalham o tema</i>	<i>Conceitos trabalhados</i>
Vegetais e animais	5	Vida no planeta Terra.
Meio ambiente	15	Desenvolvimento sustentável.
Código de linguagens	3	Interpretação de gráficos e tabelas.
Conhecendo o Bairro	2	Localização geográfica.
Sexualidade	5	Saúde e higiene pessoal.
Abstenção	9	
TOTAL :	39	

Tabela 5. Descrição das “saídas” de Estudo do Meio pelos especialistas entrevistados.

<i>ASPECTOS</i>	<i>DESCRIÇÕES</i>
Constam PPP das escolas	Sim: 15 Não responderam: 3
Formas de encaminhamento dos projetos pelos professores	Encaminham o projeto para o diretor, que encaminha ao órgão superior competente mais próximo. Por meio de ofício e apenas comunicando ao diretor sobre a saída.

Quando aconteceram as entrevistas com os 4 diretores e a funcionária responsável pelo transporte do município de Catanduva as falas foram as seguintes:

- Pesq: O que você compreende por estudo do meio?

Todos os 4 diretores responderam que era “o simples fato de sair de sala de aula”.

- Pesq: Por que você tem que entregar um projeto de estudo do meio quando organiza uma saída com seus alunos?

As 4 coordenadoras e os 4 diretores que foram entrevistadas disseram que quando as saídas de sala de aula não envolvem a utilização de ônibus, não exigem o projeto de estudo do meio, mas que no PPP está descrita a sua necessidade, e que muitas vezes agendam os ônibus para saídas sem a obrigação da entrega do projeto. Relataram ainda que é muito comum não entregar os projetos quando as saídas vêm programadas pela própria SME ou Diretoria de Ensino.

- Pesq: Qual é o posicionamento dos alunos quando você explica que haverá uma aula utilizando a metodologia estudo do meio?

As coordenadoras e os diretores disseram que esclarecem aos professores sobre a necessidade de trabalhar o conteúdo em sala de aula.

A funcionária responsável pelo transporte disse que não tem contato com os alunos, por isso não sabe responder esse questionamento.

Os especialistas quando questionados sobre estudo do meio respondem: E4- “estudo do meio é a oportunidade de estudar o próprio meio de vida seja qual for. Complementar os estudos teóricos”. E3 – “são os estudos práticos, após os teóricos, servem para a preservação do meio ambiente, complementam os estudos teóricos”. E2- “inserção do educando no ambiente social, físico e cultural. Espaço físico, biológico e sócio-cultural em que um ser vive e se desenvolve trocando energia e interagindo com o mesmo. É um todo composto de múltiplos aspectos (físicos, sociais, culturais e econômicos) e sua influência nos seres que nele vivem. Inserção do educando na problemática do seu ambiente”. Uma supervisora diz que sabe o que é estudo do meio, mas na hora de conceituar não responde a questão. Outra supervisora diz que o estudo do meio é uma prática metodológica e serve de interligação entre os conceitos teóricos e a realidade em que vive o aluno.

5.3 Relato da experiência de realização do estudo do meio.

Para uma análise mais profunda de uma saída extraclasse, planejamos em conjunto com outra disciplina (Ciências) uma atividade interdisciplinar com estudo do meio, principalmente com o objetivo de testar todas as etapas do processo e verificar se os órgãos institucionais iriam respeitar o processo. Uma saída extraclasse pode ser, uma maneira propícia de se desenvolver a criatividade e a formação global do aluno. Em relação a

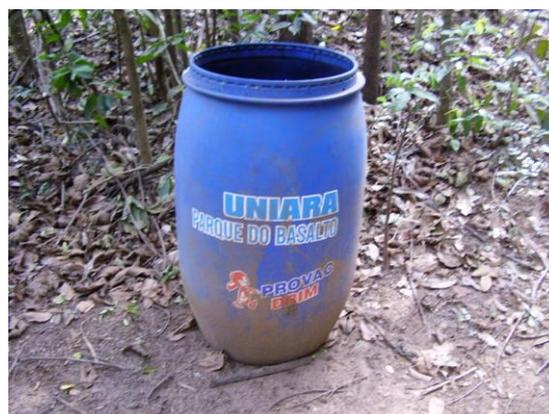
desenvolver atividades com o intuito de tornar prazeroso e motivador o interesse por Geografia e Ciências Biológicas, duas professoras conversando sobre os conteúdos abordados em classe de maneira bem informal, resolveram organizar uma saída com alunos da oitava série D em uma das unidades escolares pesquisadas. Motivo: realizar um trabalho interdisciplinar e ajudar na pesquisa para averiguação do respeito ao processo de saídas com alunos.

Justamente com o intuito de verificar as respostas dadas pelos entrevistados acima, esta pesquisadora/professora na época aproveitou a idéia de sua colega de profissão e foi a campo detectar os eventuais problemas nas saídas com os alunos. Como tomamos todas as medidas previstas no PPP daquela instituição escolar “EMEF Professora Graciema Ramos da Silva” sentimos que a empolgação dos alunos era visível. Muitos questionamentos antes da nossa viagem aconteceram, as pesquisas prévias foram esquentando e no caminho a alegria tomou conta de todos. Todos, digo professores e alunos, pois seria uma oportunidade ímpar de se aprender no local e com o local visitado. Realmente respeitando todos os passos a aprendizagem lá se tornou significativa e é uma pena que por puro respeito às nossas leis, não podemos demonstrar o olhar de nossos educandos quando estavam em campo em plena investigação e concretização da aprendizagem. Mas aqui deixamos registrados alguns dos nossos passos no momento da utilização do estudo do meio.



Fotos 1 e 2. Alunos dentro do ônibus a caminho do Parque do Basalto.

Minha colega de trabalho citou: “Todos os professores de nossa escola poderiam estar interagindo conosco, o trabalho com este projeto se tornaria muito mais grandioso”. Os alunos quase que pediam para que pudessem desfrutar de mais aulas deste tipo, e foi aí que deixamos claro o objetivo de estudo do meio. Neste diálogo nós os informamos que estamos estudando profundamente esta metodologia didática que traz frutos como este que acabamos de averiguar. Perguntamos ainda se eles percebiam como os conteúdos formam uma única realidade. O encantamento foi geral e eles pediram muitas outras saídas de classe. Além disso, eles puderam aprender de uma ou de outra disciplina. O fato de assumir uma postura fora de casa somente com professores e colegas, foi um ato de solidariedade e ética.



Fotos 3 e 4. Alunos no Parque do Basalto.

Outro acompanhamento realizado por esta pesquisadora aconteceu em uma escola de ensino privado. Aqui a análise aconteceu por parte desta pesquisadora pelo lado de fora do processo. As disciplinas de Ciências e História estavam envolvidas no trabalho interdisciplinar do desenvolvimento dos seres pelo planeta Terra.

As aulas teóricas seguiam o referencial do material adotado pela escola, e as professoras por sua vez instigavam os alunos a pensar sobre algumas questões que

acabavam por entrelaçar os conteúdos. A partir daí, a professora de História que já possuía tudo organizado previamente, propõe uma investigação em campo. A escola se organiza com o pedido de ônibus, recolhimento do dinheiro para pagamento do ônibus, autorizações e depois de algum tempo saem para a visita ao museu de Paleontologia de Monte Alto. Os alunos tinham a curiosidade de ver o museu, mas na verdade não tinha em mãos um cronograma do que iriam fazer lá.

De certa maneira eles demonstravam que iriam até outro local, verificar o que tinham apreendido nas aulas de Ciências e História. Isso se tornou real pois ao chegar lá os alunos foram convidados a participar de uma palestra prévia que explicava o que era aquele museu, para que servia e sua história. Logo a seguir, eles foram convidados a visitar os museus de Geologia e Paleontologia e Arqueologia. Ficaram atentos, mas perguntaram muito pouco ao diretor do museu que se dispôs a atendê-los. Eles queriam saber da hora de lanche e voltar. Ao retornar, a professora junto com os alunos fez um painel de fotografias que ficou exposto no corredor da escola como forma de avaliação, segundo nossa colega. Fica claro que não houve espírito de equipe e nem tão pouco atitude investigativa, portanto nesta situação não houve envolvimento para a aprendizagem, mas sim uma síntese de aula que já havia sido ministrada em classe. Nas aulas a seguir as professoras continuaram os seus conteúdos normalmente sem retomar a saída de classe e sem fazer reflexões sobre a situação vivenciada.

6. DISCUSSÃO

6.1 Análise do que dizem os professores sobre o estudo do meio

Iniciaremos esta nova etapa do trabalho com a preocupação de analisar e discutir as respostas fornecidas pelos educadores, tanto no questionário quanto nas conversas informais, a partir de conceitos já bem estabelecidos na literatura, facilitando desta forma uma compreensão maior sobre a realidade na qual a pedagogia do estudo do meio está sendo executada. Na realidade, nossa primeira análise se caracteriza pela compilação de três questionamentos que foram descritos nos questionários: o que é estudo do meio e sua definição, se os sujeitos educacionais propõem esta atividade e se eles propõem como a executá-la. Nesse sentido, é importante que, para enriquecer a discussão do trabalho, seja apresentada a concepção de estudo do meio que norteia o trabalho.

Portanto, propomos analisar e verificar o município de Catanduva, algumas escolas e se seus professores realizam estudo do meio, de quais instrumentos os mesmos fazem uso para que atividades extraclasse ocorram. Esse fato se justifica já que grande parte dos educadores tem reclamado da indisciplina dos alunos, sempre culpando as novas tecnologias, como computadores, aparelhos celulares, entre outros aparelhos tecnológicos que são frequentemente utilizados pelos adolescentes e crianças.

O presente trabalho sugere que podemos tornar nossas aulas mais ativas e interessantes, ajudando também a solucionar o problema da indisciplina na sala de aula, a partir de um método investigativo como é o estudo do meio. Não pretendemos excluir o uso dos meios tecnológicos, mas apenas direcionar para o momento certo o seu uso, como por exemplo, nas pesquisas prévias que devem ser realizadas para o adequado andamento do processo. Propomos com este estudo que a metodologia estudo do meio, como ferramenta educacional, seja utilizada frequentemente pelos colegas educadores, desde que os mesmos sejam preparados para respeitar todas as fases necessárias e que a concepção seja retomada e esclarecida ao grupo dos profissionais de educação.

Segundo Silva (2002) em livro sobre o estudo do meio nos ginásios vocacionais da década de 1960, estudar o meio para a equipe de educadores desses antigos colégios vocacionais era uma das estratégias mais importantes, uma vez que desenvolvia a noção de que teoria e prática sempre têm que caminhar juntas. Apesar de apontar para objetivos educacionais interessantes, essa definição ainda carecia de um aspecto puramente pedagógico. Em outro momento, Piletti (1991) consegue introduzir uma característica mais complexa e apresentando conteúdos e ações necessárias para o adequado desenvolvimento. Segundo ele, havendo vontade do professor em caracterizar uma viagem, um passeio ou qualquer forma de excursão como estudo do meio, é necessária a criação de uma metodologia específica de trabalho, envolvendo o contato direto com fontes de informação documental, encontradas em contextos cotidianos da vida social ou natural, que requerem tratamentos muito próximos do que se denomina pesquisa científica. Já o texto do Parâmetro Curricular Nacional (PCN) de História ainda afirma que o estudo do meio é um método em que o contato com a realidade é valorizado na construção do conhecimento (Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. PCN: história, 1998).

Infelizmente observa-se que a maioria os profissionais das escolas apresentam uma visão ainda simplista do conteúdo e podemos perceber claramente que há erro na concepção e falta de compreensão conceitual sobre esta atividade pedagógica. Eles descrevem esta metodologia pedagógica de trabalho escolar como uma complementação de estudos para o aluno, uma viagem de visualização, uma simples saída de classe.

O que os educadores responderam na sua maioria é que o estudo do meio é uma saída diferente para o processo de ensino/aprendizagem sendo avaliado sob um olhar simplista sobre o conhecimento, sem nenhum aprofundamento ou passos específicos. Fica claro quando recorremos às definições já apresentadas neste trabalho que estudo do meio não é isso. De acordo com as respostas dos questionários e das entrevistas informais, fica claro que: as saídas extraclasse acontecem, mas de maneira muito diferente das características que definem alguma atividade como estudo do meio.

Apesar disso, três professores da disciplina de Geografia definiram corretamente o que é estudo do meio e apontam para a necessidade de inseri-lo no Projeto Político Pedagógico da escola, demonstrando a importância de haver um planejamento para que o mesmo aconteça com coerência. Estes professores deixam claro que desenvolvem esta atividade para a obtenção de sucesso no decorrer de todo o processo de ensino e que um profundo entendimento deve existir entre todos os profissionais da equipe escolar.

Este fato pode ser justificado porque a metodologia estudo do meio sempre foi utilizada pela ciência geográfica, portanto os professores de Geografia sempre estiveram em contato com estudos em relação a essa metodologia. Segundo Albuquerque apud Goettens(2006), o pai da Geografia Moderna brasileira: Delgado de Carvalho representa sem nenhuma dúvida uma das primeiras referências a serem buscadas para o resgate dos primeiros passos do estudo do meio no Brasil. Observe que a citação abaixo descreve o pensamento do geógrafo sobre a concepção de estudo do meio:

“A excursão geográfica deve ser integral, isto é, abranger o meio físico, o meio biológico, social, histórico e econômico, é uma grande síntese de vida, é um ensinamento de incalculável alcance quando os educandos são postos esclarecidamente em contato com as realidades.” (Delgado de Carvalho apud Goettems,2006).

Em relação ao acompanhamento que fizemos a uma saída extra classe percebeu-se que mesmo propondo esta forma de trabalho pedagógico, as professoras e demais sujeitos envolvidos naquela situação, não se preocuparam com todas as fases do trabalho interdisciplinar, mas sim, o foco tornou-se a visualização em loco do que havia sido trabalhado em sala de aula. O aluno curioso por natureza e que quis aprofundar seus conhecimentos aproveitou, os demais nem se quer fizeram conexões específicas entre o conteúdo abordado e o que viram. Esta é uma triste realidade que segundo Freire (2000) se não existir um olhar focado no objetivo a educação formal não acontece; portanto aquilo que foi proposto provavelmente se perdeu, não atingindo o objetivo inicial.

Dando continuidade à análise das relações dos profissionais com a temática do trabalho proposto, quando os professores são questionados sobre a integração com outros colegas e sobre a realização de atividades interdisciplinares, as respostas variam muito. Alguns tentam, existindo a integração de no máximo três professores, mas o motivo de grande preocupação é quando se verifica que a atividade em si é realizada de forma solitária. Esse fato não vai ao encontro com a característica puramente interdisciplinar do estudo do meio sugerida por Boscolo, 2007 em seu estudo. Os professores deixam claro que por não definir corretamente o estudo do meio eles não realizavam atividades interdisciplinares.

Enquanto os autores afirmam que é necessário o trabalho interdisciplinar quando a metodologia utilizada é o estudo do meio, o trabalho com projetos vem definir exatamente a não fragmentação dos conteúdos, mas sim a integração dos mesmos de acordo com (Pontuschka apud Boscolo, 2007). A resposta diversificada deste grupo de professores a essas indagações fez com que chegássemos a seguinte reflexão: o quanto falta

de cumplicidade no trabalho das equipes escolares para que a interdisciplinaridade seja atingida.

Com a intenção de dar um maior peso e confiabilidade em nosso texto foi proposta a minha participação em algumas atividades realizadas pelas escolas, facilitando o entendimento prático do que está sendo feito realmente. Pudemos acompanhar uma atividade que se intitulava estudo do meio em uma das escolas pesquisadas, entretanto alguns questionamentos suscitaram a partir deste acompanhamento: essa atividade mobilizou os alunos em seu aprendizado? Além disso, criou espaço de problematização e diálogo?

Não podemos avaliar se houve integração disciplinar ou apenas justaposição de disciplinas. Apenas uma professora participou intensamente do processo de saída com os alunos e, tal fato, nos faz questionar se a interdisciplinaridade realmente aconteceu por causa dos assuntos tratados em sala de aula e não como método investigativo. Fica evidente pelas respostas dos questionários, ainda sobre o trabalho interdisciplinar, que o mesmo têm grande importância nas escolas pesquisadas, mas não tenho maiores ferramentas para aprofundar a análise.

Fica o registro do acompanhamento de uma saída em uma das escolas e a programação de outra para ver se todas as etapas do processo seriam respeitadas. A primeira saída até o Museu de Paleontologia já foi registrada acima, e quanto à organização do estudo do meio até o Parque do Basalto, deixamos o registro de que todos os órgãos envolvidos, desde a coordenação e direção da escola, a Secretaria de Educação e transportes do município de Catanduva respeitaram o processo.

Quando os professores foram questionados em relação à preparação dos alunos nas saídas extraclasse alguns responderam que sim, outros preferiram não responder. Eis aqui algumas das respostas dadas pelos professores:

Ex. 1- Explicando o que iremos fazer e para que serve o que vamos observar.

Ex. 2- Orientando, informando o que faremos. Esta professora explica que os alunos devem saber qual o objetivo da saída.

Ao analisarmos e compararmos as respostas dadas acima e a prática das atividades com o começo do questionário sobre o conceito de estudo do meio observamos uma grande incoerência. Há uma divergência entre a conceituação elaborada pelos professores e as características da presente metodologia de estudo. Este fato nos dá pressupostos para afirmar que há muita insegurança e desconhecimento sobre o assunto e a parte técnica do estudo do meio é desenvolvida sem o conhecimento teórico necessário por diferentes partes dos profissionais. Em contrapartida, essas análises permitem-nos perceber que os profissionais sabem que as saídas produza resultados positivos dentro do processo educacional, mas não detém o conhecimento apropriado de como desenvolver todas as fases deste tipo de trabalho.

Isto se torna claro à partir do momento em que são observados nos questionários as respostas ao pedido para os professores registrarem uma experiência didática de sucesso que tenha sido feita através de uma saída extra classe. O exemplo abaixo é ilustrativo:

Ex. 1- Um passeio no bairro para a análise do processo de nascimento e crescimento das árvores. Fizemos um passeio aos arredores da escola para ver as árvores que lá havia. Foram muito interessantes, as crianças passavam as mãos nos troncos, nas folhas, observavam as formigas, as aves e seus ninhos. As crianças entenderam o quanto a natureza é importante e que temos que preservá-la.

Este acompanhamento realizado por esta pesquisadora deixa claro essa situação. O primeiro: Pesquisa interdisciplinar no Parque do Basalto com alunos de uma oitava série de uma das escolas pesquisadas e o outro uma saída até o Museu de Geologia e Paleontologia de Monte Alto em acompanhamento com uma das professoras de uma das escolas pesquisadas.

Essa situação demonstra o quanto é importante o registro das experiências citadas na questão anterior com as experiências vivenciadas por esta pesquisadora. Junta-se a isso, os conceitos de grandes pesquisadores da área para deixar claro a afirmação de que uma grande maioria dos professores entrevistados que afirmam realizar estudo do meio até que tem boa intenção, o que falta é conhecimento da concepção desta metodologia de trabalho pedagógico.

Fica evidente que a utilização da técnica é imprescindível como ferramenta de trabalho, para grande parcela de professores, mas os entraves e dificuldades os afastam desta metodologia. Outro momento importante no desenvolvimento do estudo do meio, representado o momento de compreensão e entendimento do assunto trabalhado, é a relação reflexiva que deve existir entre o conteúdo das aulas teóricas na escola e os fatos observados em campo. Nesse sentido, tivemos a preocupação de incluir no questionário uma pergunta onde o professor deveria explicar pedagogicamente como era feita (antes ou depois da saída; na sala de aula ou em campo) a união entre os diferentes conhecimentos verificados na prática e na teoria por parte dos alunos. Podemos destacar as seguintes respostas:

Ex.1- “sim, eles fazem a conexão do conteúdo com saídas extraclasse. Eles interligam as aulas de campo com o que é ministrado em sala realizando relatórios coletivos, fazendo as atividades da apostila, através de conversas, realizando cartazes, como forma de realização de um projeto”.

Já em relação ao momento de conexão e reflexão entre aula campo e sala de aula, há uma divergência: muitos profissionais afirmam que os três momentos são necessários para o adequado entendimento de todo o contexto em que está inserido o trabalho extraclasse, por outro lado, muitos professores responderam que só fazem uma análise final, criando um pensamento conclusivo sobre tudo o que foi verificado durante todo o processo ao final da visita.

Porém, a falta de entendimento desta concepção de educação desde os aspectos mais básicos da sua teoria até os mais complexos impera entre os professores entrevistados. Nesse sentido, se torna extremamente difícil visualizar que este trabalho, abarcado de falhas metodológicas e conceituais, consiga abranger talvez o seu aspecto mais interessante e valorizado que é a integração interdisciplinar. Posto isso, o entendimento do estudo do meio como uma alternativa de método completo, uma vez que os conteúdos procedimentais estão presentes em todas as etapas, se justifica como nos aponta Zabala apud Boscolo (2007) no sentido de que conhecimento de técnicas e saberes isolados é insuficiente para dar respostas a inúmeros problemas.

Todavia, alguns profissionais demonstraram iniciativa de ir mais além, tentando inovar nas formas de ensinar, motivando seus alunos irem à busca de algo mais para que possam criar novas e diferentes habilidades e competências. A realização desta complexa pedagogia de ensino alicerçada no desenvolvimento de projetos extraclasse esbarra na grande desorientação dos professores em relação à forma de como elaborar e colocar em prática tais atividades.

Outro questionamento existente surgiu da constante necessidade de diversificação e atualização dos temas desenvolvidos com os alunos. Nesse sentido, pedimos para os profissionais indicarem os temas e conceitos mais frequentemente utilizados em trabalhos com estudo do meio. Eis a descrição de alguns professores:

Ex. 1- Meio ambiente – para que a criança se sinta realmente responsável pelo seu meio.

Ex. 2- Meio ambiente – respeito ao espaço utilizado em todos os nossos momentos de vida.

Ex. 3- Conhecendo o bairro da escola – não colocou o conceito a ser trabalhado com este tema.

Obtivemos inúmeras outras respostas e sobre elas, podemos observar que a maioria dos temas e conceitos propostos para uma atividade com estudo do meio está relacionada aos Temas Transversais determinado nos PCNs. Por exemplo: ética, cidadania e meio ambiente (o mais citado). Não podemos nos esquecer que na verdade o Tema Cidadania é o eixo norteador de todo o PCN.

Assim, nos arriscamos a sugerir que existem muitas dúvidas na maneira de trabalhar com metodologias desconhecidas ou formas de trabalho inovador como é o caso do Trabalho com Projetos. Logo, fica visível que mudanças devam ocorrer na preparação e formação dos professores para que estes possam ter contato com novas metodologias para que assim, haja um melhor desempenho profissional e um melhor desenvolvimento e aproveitamento no ensino aprendizagem. Dessa forma, cursos e oficinas de treinamento para educadores em geral deve fazer parte da política educacional de um município interessado em modificar a realidade da sociedade a partir da educação.

6.2 Análise das visões expressas pelos especialistas em educação sobre o estudo do meio

No contexto do presente trabalho, consideramos especialistas em educação o grupo de profissionais que trabalham na coordenação, direção, supervisão e até mesmo nos cargos máximos dentro dos órgãos municipais de educação que são: Diretoria de Ensino e Secretaria Municipal de Educação.

Quando esses profissionais foram questionados se sabiam o que era a metodologia de prática escolar estudo do meio, as respostas foram unânimes no sentido positivo, isto é, todos sabem o que é estudo do meio. Mas, logo a seguir quando questionados sobre o conceito de estudo do meio as respostas são muito variadas e fogem da concepção de estudo do meio. Observa-se a seguir o que temos de registro sobre esta conceituação:

Ex. 1- O conceito de estudo do meio está relacionado às questões ambientais.

Ex. 2- Acredito ser o estudo do próprio meio de vida seja qual for.

Ex. 3- Complementam os estudos teóricos.

Ex. 4- Sair da classe com os alunos.

Ex. 5- É a análise de tudo aquilo que envolve o interesse do sujeito.

Ex. 6- Complementam os estudos teóricos.

Ex.7- Preservação do meio ambiente.

Apenas uma especialista conseguiu conceituar exatamente o que é o alvo do nosso estudo. Percebe-se que na realidade apenas uma das respostas nos leva à conceituação de estudo do meio, realidade similar ao que aconteceu com o grupo de professores analisados com relação à conceituação do estudo do meio quando apenas três professores de Geografia conseguiram conceituar exatamente o que é estudo do meio.

Em contrapartida o que nos intriga muito é que nos PCNs de História existe claramente a conceituação de estudo do meio e a forma de proceder para o seu desenvolvimento. Com exceção da coordenação da escola estadual, pois o governo do estado de SP não obriga o coordenador possuir o curso de pedagogia, mas sim realizar uma prova para que possa ocupar este cargo, estamos nos referindo à especialista em educação, pessoas que deveriam apresentar grande conhecimento pedagógico, o que torna essa situação um pouco mais preocupante.

Novamente verificamos que falta a base conceitual para os especialistas como havíamos comentado no item anterior quando afirmamos que os profissionais em educação não têm clareza sobre o conceito de estudo do meio. O que nos preocupa é que esse grupo de profissionais em educação tem como base orientar todos os outros. São eles que formam a consciência coletiva das instituições de ensino, portanto percebe-se a urgência em compreender os preceitos básicos de como estudar o meio.

Quando questionamos os especialistas se em algum momento em que ocupam o cargo de especialistas sugeriram alguma atividade extraclasse, todos são unânimes em dizer que sim. Também é resposta geral que as atividades de “saída de sala de aula” constam dos Projetos Políticos Pedagógicos. E quando solicitamos para citar alguns exemplos de atividades propostas por eles, observamos as seguintes respostas (os demais não deram seqüência à resposta):

Ex. 1- Jogos culturais, saraus, feiras literárias.

Ex. 2- Visitar o bairro.

Ex. 3- Coleta seletiva, poluição.

Como bem podemos perceber novamente existe uma incompreensão nas atividades de estudo do meio. Segundo Boscolo (2007), o estudo do meio pode ser realizado tanto em escolas que tenham o projeto interdisciplinar integrado no currículo, quanto em escolas que seguem conteúdos pré-estabelecidos no elenco das disciplinas. Sendo assim, em qualquer tipo de instituição o trabalho com estudo do meio pode ser proposto, desde que sejam respeitadas suas propostas.

Outra questão importante que aparece nos questionários e que reproduzimos acima é a limitação desses especialistas no sentido de atuar concretamente com este tipo de trabalho pedagógico. As quatro últimas perguntas dos questionários aplicados nos especialistas versam sobre a necessidade de encaminhar este projeto para algum órgão superior e em caso afirmativo qual é o objetivo de encaminhar esse projeto para os superiores.

A primeira resposta é unânime, pois eles afirmam haver a necessidade de encaminhar um “projetinho” (fala dos especialistas) quando há a proposta de uma atividade com saída extraclasse. Quando solicitado a justificativa para tal procedimento, eles respondem que há a necessidade de programação das atividades e como envolve condução, alimentação entre outros elementos, os professores ou a equipe pedagógica da escola tem que solicitar a saída. Se a saída é no próprio bairro, mesmo realizando visitas sem a necessidade de transporte, existe a necessidade de informar o que será feito e o que está sendo trabalhado. Os profissionais afirmam que não existe melhor forma se não a de entregar o projeto de estudo do meio. Alguns respondem também que há necessidade de entrega deste projeto, pois como os mesmos nascem para complementar alguns conteúdos, é necessário registrar a saída.

Eles ainda afirmam que o encaminhamento do projeto é necessário para a verificação, análise, acompanhamento, avaliação do cumprimento da Proposta Pedagógica das escolas e se necessário a intervenção da supervisão escolar, dirigente de ensino e o auxiliar técnico pedagógicos da Diretoria de ensino. A maioria dos especialistas

opta por não responder esta questão e os demais respondem que é regra dos órgãos educacionais possuírem este documento em mãos quando acontecem as saídas extra classes.

Um aspecto importante dessa especialista que acima especificou a importância da entrega de um projeto ou “projecinho” como elas identificam para a saída com alunos é o acompanhamento e a eficiência destas saídas. Vale lembrar que: quando nossos entrevistados fazem referência aos “projecinhos” é como uma carinhosa referência à um projeto menor dentro de um maior que é o PPP das escolas.

A prática educativa democrática implica na utilização de técnicas, fins, expectativas, frustrações, uma tensão permanente entre teoria e prática, entre liberdade e autoridade que devem ser dosados no processo. Não há educação sem conteúdo, ou seja, quem ensina, ensina alguma coisa a alguém, no caso os educandos (Freire, 2000). Identificamos através das respostas dos professores e dos especialistas que atenderam a este estudo, um conflito entre o trabalho com atividades interdisciplinares ou até mesmo com a abordagem educacional com base em projetos.

Fica muito clara a dicotomia entre o trabalho com estudo do meio e os conteúdos. É nítido que, tanto na visão dos especialistas, quanto na visão dos professores participantes desta pesquisa, o estudo do meio é utilizado, ou para introduzir um conteúdo programático, ou principalmente para finalizá-lo. Em nenhum ficam evidenciadas a realização de todas as etapas de um trabalho com estudo do meio. A exceção vai para o estudo realizado pela pesquisadora e uma professora de uma das escolas pesquisadas, cujo objetivo era averiguar se todos os membros dos órgãos educacionais, realmente cumpriram as etapas necessárias à uma realização efetiva deste tipo de atividade. Para nossa alegria todos os passos foram seguidos e todos os órgãos respeitaram nossa empreitada.

Os trabalhos desenvolvidos junto de professores e especialistas da rede municipal, particular e estadual de ensino do município de Catanduva nos deixam claro

como é preocupante a problemática educacional na contemporaneidade, e que essas respostas vêm confirmar nossa hipótese inicial, no sentido de que muitos sujeitos que trabalham com educação, procuram novas formas de inovação educacional, mas em muitos momentos falta preparo ou entendimento dessas novas tecnologias.

No presente texto, estamos retratando uma metodologia antiga, utilizada no Brasil na década de 1920 (pelas já extintas escolas anarquistas) e depois retomado na década de 1950 e 1960 (Escola Nova). Técnica esta muito utilizada pelos antigos Colégios Vocacionais como Silva (2002) deixa o registro em seu livro. Como já foi citado no início deste trabalho, a educação tem como objetivo formar integralmente o educando e para que isto aconteça o papel da escola é fundamental e a forma como os educadores irão ensinar também é muito importante.

A nossa principal preocupação é esclarecer que apesar da técnica estudo do meio ser utilizada pelos educadores do município de Catanduva a concepção não está totalmente clara. Sendo assim, o ato de fazer para quem afirma realizar, se tornar somente um ato de tentativa de melhorar o entendimento dos alunos sobre alguns tipos de conteúdos apreendidos em sala de aula, ou até mesmo como forma de introduzir estes conteúdos. A limitação se revela pela ausência ou precariedade dos cursos oferecidos para estes profissionais. Se realmente queremos uma escola e uma educação crítica e renovadora, chegou o momento de se investigar o que é necessário para formar esses profissionais.

As experiências vivenciadas neste estudo permitem afirmar que, se por um lado a escola tem seus limites de atuação, diante dos crescentes desafios educacionais, por outro lado tem a obrigação de privilegiar o debate, a reflexão, e dar os instrumentos necessários para uma ação educacional mais efetiva. Desta forma todos os envolvidos no processo educacional têm a oportunidade de participar diretamente do lento e necessário

processo de evolução educacional. Esse processo se dá, muitas vezes, com pequenas conquistas dentro da própria escola, quando todos os passos são respeitados e a interdisciplinaridade se torna realidade dentro dos trabalhos das equipes educacionais de cada escola e automaticamente dentro dos órgãos superiores em educação. Com isso o trabalho escolar se torna bem mais prazeroso e a aprendizagem para os alunos algo eficaz.

Segundo Pontuschka apud Boscolo (2007), o estudo do meio é uma metodologia de trabalho em educação que serve como instrumento mediador para se conhecer e analisar a maneira pelas quais os homens se apropriam e modificam os elementos da natureza. Seu principal objetivo é o de colocar o aluno em contato com a realidade que está sendo estudada. É um trabalho que geralmente se realiza fora da escola, mas envolve todo o planejamento escolar, antes e depois do trabalho realizado em campo.

Piletti (1991) define estudo do meio como uma metodologia específica de trabalho, que envolve o contato direto com fontes de informação documental, encontradas em contextos cotidianos da vida social ou natural, que requerem tratamentos muito próximos ao que se denomina pesquisa científica. O que fica claro é que estudo do meio é um modo de trabalhar em educação, portanto, metodologia, onde não é o simples obter informações fora de sala de aula ou a simples constatação de conhecimentos já elaborados, encontrados em livros didáticos, enciclopédias, ou jornais, mas sim um compreender os conteúdos e incorporá-los à vida cotidiana, como preconizado nos PCNs. Isto é: o estudo do meio, quando feito de forma séria e organizado, se torna um instrumento importante na arte de formar competências e desenvolver habilidades.

Segundo Silva (2002) uma das principais preocupações na realização de um estudo do meio deve ser o de desenvolver em cada aluno o espírito de investigação, da pesquisa. Saber estudar e saber pesquisar com autonomia eram as partes fundamentais do processo do conhecimento. Segundo Silva (2002), Piletti (1991) e Pontuschka apud Boscolo

(2007) estudar o meio é muito mais do que uma saída de sala de aula, portanto nesta entrevista o que percebemos é um conceito equivocado na concepção de estudo do meio por parte dos entrevistados, levando a utilização equivocada de uma metodologia importante na formação dos alunos.

Compreender as questões educacionais para além das mais variadas dimensões é dever do professor. Mas, existem hoje em dia dois modos de pensar em educação: a lógica humanista, que privilegia o desenvolvimento pessoal e do trabalho do professor/educador e a lógica capitalista, na qual o que se tem são, professores sobrecarregados em seus horários de trabalho, sabem que existe a necessidade de aprimoramento de seus conhecimentos, através de cursos de atualização, assinatura de jornais e revistas, compra de livros e também a sua própria sobrevivência e de sua família. Com isso, acumulam aulas além do limite e mesmo querendo, nessa correria toda, alguns deixam de se especializar, por falta de tempo ou mesmo de dinheiro. Isso significa professores obsoletos, sem vontade mínima para estudos mais atualizados.

Aliás, não é só falta de vontade não, ao contrário muitos vivem em busca de aperfeiçoamento profissional e o fazem com o dinheiro do próprio bolso. Muitas vezes nem sequer são dispensados de uma reunião, ou, recebem qualquer incentivo em relação aos cursos que pretendem fazer. É exatamente por união destes fatores acima citados, que verificamos professores cada vez mais desestimulados e cansados ao longo de seu trabalho. Constatamos ao longo das experiências de ensino que, em geral, as raízes estão relacionadas à estrutura de poder institucional das escolas (burocratização do cotidiano escolar, projeto pedagógico desvinculado da realidade dos educandos, formação fragmentária dos educadores). O que o sistema educacional oferece muitas vezes para mudar estas estatísticas, encontra-se longe da realidade dos professores das escolas em geral. Por exemplo, o ideal seria formação continuada dos professores centrada nas realidades escolares onde os

mesmos lecionam. Não partindo desse princípio, os sistemas educacionais brasileiros mostra um domínio pautado extremamente na instrução e deixa em segundo plano a formação da cidadania dos educandos.

Exatamente neste ponto é que entra esta pesquisa e seus resultados, pois se o município oferecesse cursos ou oficinas que fossem do interesse do professor, voltados para a formação integral do educador e não somente cumprisse o dever de oferecer cursos, poderíamos tornar mais eficiente o aperfeiçoamento dos docentes. Fica confirmada a necessidade de consulta aos professores, ou até mesmo uma investigação prévia das verdadeiras necessidades metodológicas dos professores em relação ao seu cotidiano em sala de aula. Esse trabalho verificou a utilização e aplicação da metodologia estudo do meio e comprovou que os alunos das mais variadas faixas etárias e das diversas escolas pesquisadas se beneficiam desta forma de trabalho. Neste momento nossa grande preocupação é na publicação do nosso estudo para que os governos se conscientizem de que ferramentas educacionais que foram comprovadas cientificamente servem e muito como meio de informação e formação nos dias atuais. Principalmente com a publicação dos PCNs e, atualmente, com a utilização das mais variadas formas de avaliações educacionais e institucionais, o estudo do meio tem que ser divulgado de maneira séria e abrangente para que resultados positivos na construção do conhecimento possam aparecer.

Segundo Ronca (1995), os profissionais em educação devem investir fortemente na preparação de suas aulas, justamente para combater o “desinteresse”, “apatia” e a “indisciplina” e propiciar o desenvolvimento integral do aluno. Como faremos boas aulas se nem tempo de prepará-las os profissionais da educação têm? Falta de interesse por parte desses profissionais? Não. Como já afirmamos anteriormente o interesse é a mola, a razão de ser da ação humana. Quando executa-se uma atividade mal remunerada, você precisa trabalhar triplicado e deixa-se de investir na sua profissão por falta de tempo. Não podemos

deixar de salientar que o excesso de alunos nas salas de aulas também dificulta o trabalho do professor e que esgota emocionalmente os mesmos. Nessa lógica capitalista quanto mais aluno em sala de aula mais lucro. Isso acaba com o trabalho do professor.

Segura (2001) nos afirma que na verdade, a complexidade não deve inviabilizar a ação e este conceito de complexidade, que tanto ouvimos atualmente, está mais ligado à maneira como entendemos o mundo, os vários desafios que o movimentam e como se inter-relacionam criando sempre novos contextos. Por isso exatamente que muitos professores nunca desanimam e recriam sua profissão. Cabe colocar em prática as possibilidades de ação dos professores. Isto é, não adianta mais falar em currículo e avaliação se na verdade a estrutura não se modifica. São necessárias escolas bem equipadas, com propostas inovadoras que possam ser colocadas em prática, possibilidade de inclusão de todos através de professores com menores cargas de trabalho e mais capacitados. Além disso, a instrumentalização tecnológica, e mais respeito para com todos são pontos necessários para podermos transformar essa realidade.

Quando há o desejo intenso de mudança, ensinar passa ser mais do que só transmitir conteúdos e passa a ser também, entender as ameaças, perceber as injustiças e desenvolver uma consciência política para que se possa lutar contra as duas primeiras. Essas palavras de Paulo Freire, retiradas de uma biografia publicada recentemente, determina bem o que queremos explicitar. Através dos registros de nossa pesquisa, percebemos claramente que ficam distantes o discurso teórico e a realidade prática dos professores e seus dirigentes. “Ensinar aprendendo”, como dizia Freire (2002) é o carro chefe de nossa investigação.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo verificar se o estudo do meio, uma proposta pedagógica de ensino presente nos PCNs, está sendo realizada e de que forma está acontecendo a sua execução nas escolas do município de Catanduva- SP. Nossos resultados demonstram que esta prática pedagógica é realizada nas escolas de Catanduva sendo conhecida tanto pelos professores quanto pelos coordenadores, diretores e supervisores das escolas. Entretanto, um importante achado de nosso estudo refere-se às dificuldades que acompanham esta metodologia. A principal delas é que, ainda não é entendido, conceitualmente por parte da comunidade escolar, fato este que prejudica o desenvolvimento e, conseqüentemente, a aprendizagem por parte dos alunos. Nesse sentido, torna-se de extrema importância a maior capacitação do quadro de docentes para o desenvolvimento de metodologias inovadoras que poderão contribuir para bom andamento do processo de ensino-aprendizagem.

8. REFERENCIAS

ALMEIDA, Rosângela D. de Almeida e PASSINI, Elza Y. **O espaço geográfico.**

Ensino e representação. São Paulo: Contexto, 1989.

BOSCOLO, Dulcinéia. **Projetos de estudo do Meio em Escolas Publicas em Santana do Parnaíba- SP.** 2007. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia no Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Abril Cultural e Brasiliense S.A., 1985.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** MEC. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acessado: em 15/01/2009

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998 – a.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia/Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1998 –b.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: história/Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1998 – c.

FAZENDA, Ivani. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 3ªed. São Paulo: Cortez, 2002.

FELTRAN, Célia de Santis; FELTRAN FILHO, Antônio. Estudo do Meio. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Técnicas de ensino: por que não?** Campinas: Papirus, 15ª ed., 2003.

FERREIRA, Roberto Martins. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 25ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GARCIA, E. Walter. **Visão Teórica e Prática Pedagógica**. São Paulo: Editora Mc Graw-Hill do Brasil, CTDA 1979.

GOETTEMS, Arno Aluísio; **Problemas Ambientais Urbanos: possibilidades para a escola pública**. 2006. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Mestrado do Departamento de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo. São Paulo.

GUIMARÃES, Eliana Maria Alves. **O Trabalho de Campo em Bacias Hidrográfica: os caminhos de uma experiência em educação ambiental**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências. Área de Educação aplicada à Geociências.1999. Campinas- SP.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, www.ibge.gov.br acessado em 01/11/2009

JAPIASSÚ, Hilton. **Um desafio à Filosofia**. São Paulo: Letras & Letras, 1997.

LEFEBVRE, Henry. **Lógica Formal/Lógica Dialética**. 6ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

MACHADO, Nilson José. **Educação: projetos e valores**. 5ªed. São Paulo: Escrituras, 2004.

MARCOMINI, Cássia. **Tema Transversal Meio Ambiente: Teoria e Prática no ensino fundamental em uma escola municipalizada de Américo Brasiliense-SP**. 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente apresentado ao programa de Pós-Graduação) Araraquara- São Paulo.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral**. São Paulo: Ática, 1991.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Geografia: Pesquisa e Ensino**. In: CARLOS, Ana Fani Alesssandri (org.). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____ **O conceito de Estudo do Meio transforma-se: em tempos diferentes.** In: VESENTINI, José William. O ensino de Geografia no século XXI. Campinas: Papirus, 2004.

QUAGLIA, Vicente Celso. **A História de Catanduva de A a Z.** São José do Rio Preto: Rio-pretense, 2003.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Compreender e ensinar. Por uma docência da melhor qualidade.** São Paulo: Cortez, 2001.

ROMANELLA, Marcela Ulian, **Viajando no saber – os passeios e viagens como instrumento pedagógico no ensino fundamental,** Universidade de Ribeirão Preto, Novembro, 2005.

ROMERA E SILVA, Paulo Augusto (org.), **Água: Quem vive sem?** 2ª Ed. FCTH/CT-Hidro (ANA, CNPq/SNRH), São Paulo, 2003.

RONCA, Paulo Afonso Caruso. **A aula operatória e a construção do conhecimento.** São Paulo. Editora do Instituto Esplan. 1995.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo. Uma reflexão sobre a prática.** 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SAMPIERI, Roberto Hernández. **Metodologia de Pesquisa.** 3ªed. McGrall-Hill. São Paulo, 2006.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 7ªed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SEGURA, Denise de Souza Baena. **Educação ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua a consciência crítica**. São Paulo. Annablume. p. 214, 2001.

SILVA, Moacyr da. **A formação do professor centrada na escola: uma introdução**. São Paulo. Educ. p. 99, 2002.

VIEIRA, Evaldo. **Sociologia da Educação: reproduzir e transformar**. São Paulo: FTD, 1994.

ZABALA, Antonio. **A Prática Educativa**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXO

Anexo 1: Questionário a ser aplicado aos alunos após a realização do estudo do meio (PILETTI, 1991).

	SIM	NÃO
Fui amável com todos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conversei ou prestei atenção em outras coisas durante a excursão?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Toquei em objetos expostos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mostrei interesse pelas explicações?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Empurrei meus companheiros?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei baixinho?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Corri para chegar antes dos outros?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agradei as explicações recebidas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Apêndices

Apêndice 1: Questionário da Secretaria de Educação e Diretoria de Ensino

- 1) Função
- 2) Formação
- 3) Tempo de atuação profissional geral
- 4) Tempo de atuação no cargo
- 5) Você sabe o que é estudo do meio?
- 6) Qual o seu conceito de meio ambiente?
- 7) Você sugere em algum de seu(s) plano(s) de trabalho qualquer tipo de atividade extra-classe?

() Sim () Não Qual? _____ Por quê? _____

- 8) Quais medidas administrativas são adotadas quando uma escola pretende realizar atividades com estudo do meio?
- 9) Você determina projetos para que as atividades extra-classe aconteçam?
- 10) Você sabe se nos PPP das escolas existe algum item que verse sobre as atividades extra-classe?

Apêndice 2: Questionário a ser aplicado nos professores envolvidos na pesquisa

Nome da escola: _____

Faculdade em que se graduou: _____

Curso: _____ Quantos anos você leciona? _____

Quais disciplinas você ministra? _____

Atualmente você é professor

a) Efetivo

b) Não efetivo

1) Você sabe o que é estudo do meio?

2) Você costuma desenvolver atividades extra-classe com os seus alunos?

Sim Não Que tipo? _____

Se a resposta for afirmativa, explique se você prepara um projeto para a execução das saídas.

3) Em geral, você participa com outro professor de alguma atividade extra-classe?

Sim Não

Para os que assinalarem sim:

a) Essas atividades são planejadas onde, como e por quem?

b) As saídas acontecem no próprio bairro ou no município?

c) Você sugere outras saídas de classe, além do próprio bairro e município? Onde?

Por quê?

4) As atividades extra-classe, geralmente, fazem parte:

a) do Projeto Político Pedagógico da escola ()

b) de uma programação à parte ()

Explique: _____

5) Indique o(s) tema(s) e conceito(s) mais freqüentes desenvolvido(s) nessas atividades:

TEMA(s) _____

CONCEITO(s) _____

6) A proposta desse tipo de atividade, em geral, é feito:

a) Por você ()

b) Pela coordenação/direção da escola ()

c) Por outros professores ()

d) Pelos alunos ()

7) Você prepara seus alunos antes das saídas de classe?

() Sim () Não

Como? _____

Explique: _____

- 8) Qual é sua forma de avaliar os alunos após uma atividade extra-classe?

- 9) Relate, uma experiência didática de sucesso que fez parte de uma saída de campo.

Apêndice 3: Questionário a ser aplicado nas coordenações, direções e supervisões escolares

1) Função:

Coordenador(a)

Diretor(a)

Supervisor(a)

2) Formação:

Pós Graduação

Curso: _____ Instituição: _____

Ano de conclusão: _____

Licenciatura Plena:

Curso: _____ Instituição: _____

Ano de conclusão: _____

3) Tempo de atuação profissional geral:

de 1 até 5 anos

de 6 até 10 anos

de 11 até 15 anos

de 16 até 20 anos

mais de 20 anos

4) Tempo de atuação no cargo: _____

5) Você sabe o que é estudo do meio?

- 6) Qual o seu conceito de meio ambiente?
- 7) Em algum momento de ocupação de cargo administrativo/pedagógico, você sugeriu atividades extra classe aos docentes? Quais?
- 8) As atividades extraclases ou estudo do meio constam do Projeto Político Pedagógico?
- 9) Existem projetos para as saídas extraclases? Por quê?
- 10) Existe necessidade de encaminhamento de projeto de atividade extraclasse para algum dos órgãos responsáveis pela educação em seu município